UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE HISTÓRIA – INHIS

YAN ASSIS DAMASCENO SILVA

SOMENTE O BRASIL TINHA TUDO A PERDER: AS CRÔNICAS DE MÁRIO FILHO E O *JORNAL DOS SPORTS* À ÉPOCA DA COPA DO MUNDO DE 1950.

UBERLÂNDIA-MG

2022

YAN ASSIS DAMASCENO SILVA

SOMENTE O BRASIL TINHA TUDO A PERDER: AS CRÔNICAS DE MÁRIO FILHO E O *JORNAL DOS SPORTS* À ÉPOCA DA COPA DO MUNDO DE 1950.

Monografia de conclusão de curso apresentada ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado e Bacharel em História.

Orientadora: Prof. Dra. Daniela Magalhães da Silveira.

Uberlândia, 23 de dezembro de 2022.

Banca Examinadora

_____

Profa. Daniela Magalhães da Silveira

_____

Prof. Florisvaldo Paulo Ribeiro Júnior

_____

Profa. Iara Toscano Correia

A todos que amo e em memória de meu avô Ireno Félix e sua ininterrupta pergunta: “E a escola?” Aqui estou concluído essa etapa, meu avô.

AGRADECIMENTOS

Sou muitíssimo grato aos meus familiares e amigos, sou grato a educação que me proporcionou um dos segmentos mais prazerosos da vida. Meus pais e avós em primeiro lugar, por serem meus exemplos enquanto mais um entre tantos sujeitos. Elem Aparecida Damasceno, minha mãe; Gilmar Alexandre da Silva, meu pai; Ygor Alexandre Damasceno Silva, meu irmão; Neusa Santos Damasceno, minha avó materna; Ireno Félix Damasceno, meu avô materno; Maria Bizerra Silva, avó paterna; Manoel Alexandre da Silva, avô paterno, todas essas pessoas foram fundamentais durante todos esses anos da minha vida e sou extremamente grato.

Aos meus amigos de curso sou grato por todos os momentos únicos! Hellen Morizza, Guilherme Mininel, Ian Gomes, Maria Eduarda Belloti e Aleska Trindade. Somos agentes e testemunhas de muitas alegrias e sofrimentos partilhados, mais sorrisos do que lágrimas. Sou grato a minha amiga e ex-companheira de felizes cinco anos de relacionamento, que me acompanhou e tornou meus dias difíceis mais palatáveis e nos melhores ela sempre esteve, Maria Fernanda de Paula Fildra, incomum, mas nada mais justo citar alguém que fez da vida um lugar mais significativo.

Agradeço a minha orientadora Daniela Magalhães da Silveira que me acompanha há quase cinco anos, fora refém de um orientando muito problemático e soube à sua maneira e possibilidades me respeitar e respeitar meus defeitos acadêmicos, que me ensinou e foi enfática em suas críticas sempre construtivas. Agradeço a paciência e reservo espaço para a admiração que tenho por seu trabalho enquanto docente. Agradeço ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia e a todos os professores que tive o privilégio de ouvir e aprender.

Agradeço a vida por ser tão bela, difícil, amável, chorosa e risonha, por ser felicidade em instantes ou dor passageira. Agradeço por estar aqui e experienciar as maravilhas de sua singularidade, agradeço por todas as vezes que não estive bem e me mantive mentalmente e emocionalmente forte, mesmo quando destruído, reconstruindo-me concluo esta etapa de minha jornada, feliz, feliz pelo privilégio de aqui estar!

RESUMO

O seguinte texto articula-se através de bibliografias pensadas para os estudos das fontes impressas periódicas e de discursos, com a finalidade de pensar as crônicas esportivas produzidas pelo *Jornal dos Sports* e pelo cronista Mário Rodrigues Filho, publicadas durante o ano de 1950, a respeito da Copa do Mundo de Futebol, realizada no Brasil. Busca-se averiguar os sentidos dos discursos textuais estudados a fim de visualizar a aproximação que possuem de discursos nacionalistas e como eles dimensionam os fatos acontecidos, quando transformados em narrativa ainda que jornalística.

Palavras-chave: Mário Filho; *Jornal dos Sports*; Copa do Mundo de 1950.

ABSTRACT

The following text is articulated through bibliographies designed for the study of periodical printed sources and speeches, with the purpose of thinking about the sports chronicles produced by *Jornal dos Sports* and by the chronicler Mário Rodrigues Filho, published during the year 1950, about of the Soccer World Cup, held in Brazil. It seeks to ascertain the meanings of the textual discourses studied in order to visualize the approximation they have to nationalist discourses and how they dimension the facts that happened, when transformed into a narrative, even if journalistic.

Keywords: Mário Filho; *Jornal dos Sports*; Football World Cup 1950.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 - A crônica de Mário Filho 30
Figura 2 - O Estádio Municipal..... 33
Figura 3 - O primeiro jogo da competição. 51
Figura 4 - O empate em jogo ante os suíços..... 53
Figura 5 - "O dia D, hora H". 55
Figura 6 - A batalha contra os iugoslavos. 56
Figura 7 - O record de renda e de público. 60
Figura 8 - Rumo ao título. 62
Figura 9 - Os últimos títulos antes da partida final. 65

Sumário

Introdução 10

CAPÍTULO I 15

O Brasil sediará a Copa do Mundo: a primeira realização do campeonato no pós-Segunda Guerra Mundial e o jornalista Mário Rodrigues Filho. 15

Fora o Brasil o escolhido, os processos e o contexto para a escolha do país sede. 16

A preparação do Brasil para a Copa do Mundo fora e dentro dos campos. 20

O jornalista Mário Rodrigues Filho 26

CAPÍTULO II 31

"Nada de ilusões": as crônicas do *Jornal dos Sports* e de Mário Filho no ano da copa. 31

"O" Estádio para a copa 32

A copa do mundo para o mundo 35

De olho no presente e no passado "jogado" dentro das quatro linhas 37

Nação e identidade nacional 39

CAPÍTULO III 45

Construindo os discursos através dos jogos: as partidas e as crônicas produzidas por Mário Rodrigues Filho ao longo da competição, de uma expectativa fremente a decepção amarga. 45

Análise do discurso 46

As partidas de futebol e as crônicas de Mário Filho 50

A final da Copa do Mundo de 1950, Brasil x Uruguai 63

Considerações finais 71

Fontes 73

Referências Bibliográficas 73

Introdução

O presente esboço busca construir sua narrativa historiográfica através da análise da imprensa periódica. O período selecionado circunda do ano de 1946 e, fundamentalmente o ano de 1950, o lugar, por sua vez, é a cidade do Rio de Janeiro, então capital da República Federativa do Brasil. O objeto central da análise é a Copa do Mundo de futebol de 1950, realizada no Brasil e percebida através do *Jornal dos Sports* e das crônicas do jornalista Mário Rodrigues Filho, enquanto produtores de discursos (nacionalistas) através dos sentidos provindos do contexto da época e da prática do futebol. Mário Rodrigues Filho era diretor e redator do *Jornal dos Sports*, no entanto, irei apresentá-lo ao fim do primeiro capítulo, mas destaco que ele era considerado à época um dos ou maior jornalista esportivo do seu contemporâneo.

A pesquisa realizada através de uma imprensa produzida a mais de setenta anos requer enquanto impossibilitado o pesquisador de acessar as fontes em sua forma material, a procura por novas ferramentas de acesso, assim se fez presente durante toda a pesquisa a Hemeroteca Digital[1] como acervo de um indispensável material documental que possibilitou a construção das reflexões aqui presentes. A imprensa escrita periódica ao lado das transmissões radiofônicas eram os principais meios de comunicação midiático da época, principalmente no Brasil onde a televisão iria estrear com o canal Tupi em setembro de 1950, já fora do período da copa do mundo, encerrada após a final da competição, em 16 de julho de 1950. Sendo assim, a opção segmentada da pesquisa em acessar apenas os periódicos faz-se justificada, quando pensada a questão quer norteia o trabalho: analisar através da fonte impressa os discursos nacionalistas constituídos de *sentidos* ligados ao contexto do período e a prática competitiva do futebol, discursos esses produzidos por sujeitos que se identificavam como brasileiros, durante a maior competição da modalidade no Brasil. Por *sentidos* aqui quero dizer objetos socialmente construídos que fundamentam a criação de enunciados, enunciados que por sua vez podem ser entendidos como ideias que buscam ser internalizadas na sociedade ou consumidas de maneira relevante, geradas muitas vezes pela camada letrada da sociedade, através de estímulos que surgem da própria sociedade, tornando-se um processo dialético.

[1] A Hemeroteca Digital trata-se de um acervo documental de inúmeros periódicos impressos e outras fontes com acesso disponível de forma gratuita pela internet através do link: http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/

Tenho a intenção de ao longo do trabalho apresentar um terreno propício a percepção do leitor a identificação e manifestação desses sentidos e discursos gerados através da prática do futebol e produzidos por sujeitos que são produtores e produtos do seu contemporâneo. Sendo assim, destinarei o primeiro capítulo para que possamos entender como a primeira Copa do Mundo de Futebol pós Segunda Guerra Mundial vem a ser realizada no Brasil, busco apresentar o *Jornal dos Sports* e a sua relevância enquanto periódico segmentado dentro do setor esportivo da imprensa do período. Também irei apresentar como a realização da copa do mundo influencia o periódico a se adaptar a dimensão do evento. Por fim, não menos importante, pelo contrário, apresento o cronista Mário Rodrigues Filho, irmão do dramaturgo Nelson Rodrigues, o jornalista que aqui terá diversas de suas crônicas citadas e analisadas, àquele que destinarei de maneira mais pertinente os métodos da análise e produção narrativa historiográfica.

Tânia Regina de Luca, numa das obras clássicas sobre imprensa como fonte histórica, *História dos, nos e por meio dos periódicos*[2], acabou por me auxiliar no processo de entendimento da imprensa periódica enquanto fonte de pesquisa. Dos alertas ao uso de tal objeto como fonte de pesquisa até sugestões de manuseio e análise, a autora destaca para induções pertinentes, sendo uma delas e das que mais me atentei durante a pesquisa: as produções textuais jornalísticas são a mistura do tendencioso, imparcial, do falso e do certo, a produção textual está sujeita ao contexto, as ideologias do editorial, do redator e das intencionalidades que todos esses inferem sobre o texto. Ainda em caráter de alerta, está a condição do pesquisador em se deixar levar por aquilo que deseja encontrar durante a pesquisa através da fonte, de fato é uma armadilha perigosa em que é facilmente possível cair quando buscamos exatamente aquilo que queremos confirmar, "o que em geral acontece quando desvinculamos uma palavra, uma linha ou um texto inteiro de uma realidade". (CAMARGO, 1971, p. 226 *apud*. LUCA, 2008, p. 117) A partir dessas firmações busquei, categoricamente, avaliar todas as crônicas citadas ao longo do texto, mantendo, inclusive a originalidade ortográfica dos textos, é claro, estou lidando com uma narrativa articulada de sentidos e fins almejados através do discurso textual organizado, mas meu trabalho também não deixa de ser um texto com essas características, busco aqui através dos meios uma finalidade exclusiva dentro dos métodos da historiografia.

---

[2] LUCA, Tania Regina de. "História dos, nos e por meio dos periódicos". In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2008, v. 1, p. 111-153

A imprensa como fonte para a produção historiográfica intensifica-se e passa por novas perspectivas a partir da década de 1970, a imprensa fora muito utilizada anteriormente a esse período como fonte confirmadora de construções narrativas, não é a intenção desse trabalho, diria que aqui proponho observar e fazer uso da imprensa periódica no seguinte sentido:

> A escolha de um jornal como objeto de estudo justifica-se por entender-se a imprensa fundamentalmente como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social; nega-se, pois, aqui, aquelas perspectivas que a tomam como mero "veículo de informações", transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político-social na qual se insere. (CAPELATO e PRADO, 1980, p. 19 *apud*. LUCA, 2008, p. 118.)

A referida obra de Tania Regina de Luca ainda proporcionaria através de apontamentos[3] outras ferramentas para a construção da narrativa aqui pretendida quando fundada a seguinte reflexão a partir da produção dos textos periódicos: é notícia ou interpretação? Possui objetividade ou neutralidade? São questões que norteiam o olhar do historiador diante de seu objeto de análise e que se faz indispensável no lidar com a fonte imprensa jornalística. Ela ainda apontaria outra ferramenta que utiliza os historiadores ao qual direcionei meus estudos e pretendo mais a frente apresentar: a análise dos discursos. O historiador ao lidar com revistas e jornais, lida com publicações já selecionadas e filtradas a fim de determinado sentido, sempre orientado de algum sentido, portanto, cabe ao historiador compreender que os discursos são carregados de diversos significados produzidos de várias maneiras semânticas e linguísticas, assim como os elementos tipográficos e ilustrativos que o compõem.

> Jornais e revistas não são, no mais das vezes, obras solitárias, mas empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos, o que os torna projetos coletivos, por agregarem pessoas em torno de idéias, crenças e valores que se pretendem difundir a partir da palavra escrita. (LUCA, 2008, p. 140.)

Retomando os caminhos que sucedem a construção e as ideias pretendidas do texto, irei agora induzir a escrita ao falar sobre o que foi pensado para os capítulos seguintes. Já no capítulo dois optei por contextualizar, através da aproximação do leitor com as crônicas analisadas e citadas, os temas que apareciam com maior destaque nas páginas do *Jornal dos Sports*, a partir da perspectiva de Mário Filho antes do início do torneio, datado para começar no dia 24 de junho de 1950. Sendo assim, busquei, através

---

[3] LUCA, Tania Regina de. "História dos, nos e por meio dos periódicos". In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2008, v. 1, p. 139.

de reflexões realizadas a partir de leituras bibliográficas[4], fundamentar minhas reflexões em diálogo com as crônicas escolhidas e demandadas pela minha questão central. O capítulo também se destina a apresentar alguns conceitos articulados no esboço, como: nação e identidade nacional.[5] O capítulo é o elo necessário entre o primeiro e o terceiro capítulo, é também o terreno onde o leitor aproxima-se mais das crônicas de Mário Filho e dos meus objetos de reflexão, a partir dele podemos adentrar no terceiro capítulo do trabalho, onde reservei espaço para a análise das crônicas já dentro do contexto da copa do mundo, focalizando meus esforços em cada partida disputada pela seleção brasileira de futebol, observando as publicações antes e depois dos jogos.

O terceiro capítulo já é também o capítulo conclusivo da obra, portanto nele irão se manifestar outros conceitos e abordagens metodológicas que propiciaram, a partir do que pude compreender e manifestar por escrito, os caminhos que trilhei para lidar com meu objeto de análise e minha construção narrativa historiográfica. Os conceitos estudados e aplicados partem, principalmente, da obra de Norman Fairclough[6], *Discurso e mudança social*, (2001) Tânia Regina de Luca evidenciaria o lugar fundamental que há de necessário em, ao lidar com fonte imprensa textual, analisar as condições linguísticas e semânticas dos discursos. Nesse sentido Norman Fairclough me auxiliou durante a pesquisa, não somente na área da linguística e da semântica, diria na verdade que talvez seja até um problema da pesquisa, mas também a interpretar os mecanismos de análises do discurso propostos por ele e por Michel Foucault[7] em *A Ordem do Discurso*, (2009)[8] uma vez dada a complexidade da leitura e dos conceitos e reflexões propostas por Foucault. Vale dizer, contudo, que me abstenho de algumas percepções de ambos os autores, a leitura de suas obras trouxe até mim mecanismos que possibilitaram lidar com minha fonte e faço uso segmentado desses mecanismos, respeitando, claro, seus respectivos campos e possibilidades de uso metodológico. Por fim, diria que o trabalho

---

[4] ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. & . MORENO, JC. *Revisitando o conceito de identidade nacional*. In: RODRIGUES, CC., LUCA, TR., and GUIMARÃES, V., orgs. *Identidades brasileiras: composições e recomposições* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

[5] Ver no capítulo II a partir do subtítulo: "Nação e identidade nacional", p. 40.

[6] Norman Fairclough é um linguista britânico, professor emérito na Universidade de Lancaster. É considerado um dos pioneiros da análise crítica do discurso, uma área de estudos que analisa a influência das relações de poder sobre o conteúdo e a estrutura dos textos, sobretudo os midiáticos.

[7] Michel Foucault; Poitiers, 15 de outubro de 1926 – Paris, 25 de junho de 1984 foi um filósofo, historiador das ideias, teórico social, filólogo, crítico literário e professor da cátedra História dos Sistemas do Pensamento, no célebre Collège de France, de 1970 até 1984.

[8] FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. Aula Inaugural no Collège de. France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 19.ed. São Paulo: Edições. Loyola, 2009.

fora realizado sobre a utilização segmentada e quase exclusiva sobre o jornalista Mário Rodrigues Filho e o *Jornal dos Sports*, optando exclusivamente por analisar apenas um periódico esportivo, entendendo e lidando com as nuances geradas a partir daí.

CAPÍTULO I

O Brasil sediará a Copa do Mundo: a primeira realização do campeonato no pós-Segunda Guerra Mundial e o jornalista Mário Rodrigues Filho.

O presente capítulo será direcionado a três aspectos fundamentais para a construção textual aqui pretendida, sendo elas: analisar o contexto e os caminhos que levaram o Brasil a sediar a copa do mundo de 1950; os preparativos para a recepção do evento, tanto no âmbito estrutural urbano e esportivo quanto jornalístico; por último, apresentarei o *Jornal dos Sports* e o jornalista Mário Rodrigues Filho, a fim de aprofundar na identificação do autor que terá, nos capítulos seguintes, suas crônicas esportivas analisadas com mais profundidade.

Fora o Brasil o escolhido, os processos e o contexto para a escolha do país sede.

Como explicitado, o presente capítulo tem como objetivo esclarecer alguns pontos fundamentais para a compreensão do que foi o processo de escolha do Brasil como país sede para a realização da Copa do Mundo de 1950. Sendo assim, irei me voltar não somente para o que foram as primeiras inclinações do Brasil ao se propor como futuro país sede para o torneio, como o impacto da Segunda Guerra Mundial na tomada de decisão, os países que concorriam com o Brasil e a maneira como as notícias a respeito foram escritas nos jornais escolhidos como fonte para a pesquisa.

A Copa do Mundo de Futebol é um evento esportivo realizado pela FIFA (Federação Internacional de Futebol). Fundada em 1904, a organização trata de regulamentar a prática do futebol, assim como promove a principal competição praticada por futebolistas profissionais. A Copa do Mundo foi criada em 1928, na França, sendo que a sua primeira realização se deu em 1930, no Uruguai, tendo como campeão o país anfitrião. Em 1934, na Itália, também teve sua anfitriã como campeã e, por fim, em 1938, na França, a Itália se tornaria bicampeã no que seria a última copa realizada antes da II Guerra Mundial. A retomada do evento somente aconteceria em 1950.

Para voltarmos ao princípio do processo de escolha do Brasil como o país sede da copa de 1950 e esclarecermos esse ponto, farei uso de alguns periódicos, como: *Jornal dos Sports* (RJ), *Jornal do Brasil* (RJ) e *O Globo* (RJ). "O Brasil desde muito tempo pleiteia organizar um campeonato internacional e de trinta e oito para cá se bate para ser sede de um campeonato do mundial de football, sob os auspícios da Fifa.".[9] O principal concorrente do Brasil para a realização do evento, em 1942, foi a Alemanha, quando essa não mais pôde fazer frente ao Brasil, a Argentina fez menção em querer concorrer ao direito de realizar o competitivo. Entretanto, a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) alterou o panorama mundial, era noticiado da Europa que as edições de 1942 e 1946 estariam canceladas, porém, já era dada como certo que em 1947 seria o campeonato do mundo, sediado pelo Brasil, tendo como epicentro o Rio de Janeiro, a então Capital Federal.

A conquista da realização do evento se deu a partir das várias reuniões realizadas nos anos de 1945 e 1946 por entidades que faziam parte do quadro de organizações aceitas

[9] "Compromissos...", *Jornal dos Sports*, edição de 18 de novembro de 1945, p. 1. Todas as citações retiradas do *Jornal dos Sports* presentes no corpo deste esboço manterão a forma gramatical do texto original.

pela FIFA, como a CBD (Confederação Brasileira de Desportos)[10]. As reuniões foram realizadas tanto em Santiago do Chile, como em Buenos Aires, Argentina. Os primeiros relatos são de que o Brasil teria os votos das confederações tanto do Uruguai, quanto do Chile, apoiadores que dariam peso à representatividade brasileira. Nos dias 19 e 21 de janeiro de 1945, no Congresso Sul-Americano, realizado em Santiago, o Brasil teria recebido os votos das federações do Equador, Bolívia, Chile e por último, Uruguai, tornando-se favorito em relação à Argentina. A respeito de tal afirmação, é possível fundamenta-la no seguinte trecho destacado do *Jornal dos Sports*:

> Podemos adiantar com segurança que a C.D.B. terá a seu favor os votos da Associação Uruguaia e da Federação Chilena. Estas entidades pesarão na balança pois o Brasil conta igualmente com os votos da maioria das outras federações.[11] *Jornal dos Sports*, 16 de janeiro de 1946, p. 3.

Antes de analisar como se deram as notícias de que o Brasil seria a sede da Copa do Mundo de até então 1947 nas páginas dos periódicos estudados, cabe entender as circunstâncias que contextualizaram o olhar da FIFA para ter como sede um país da região sul do continente americano. A escolha da sede do campeonato não é algo simples, envolve uma série de processos que devem ser considerados para tornar o evento, de fato, algo que chame a atenção do mundo. Para tanto, Eric J. Hobsbawm, em *Era dos Extremos* (1914-1991), será de grande importância para nos aproximar duma narrativa sobre o contexto global durante a realização da última copa do mundo de 1938 de forma que possibilite a compreensão das escolhas feitas pela FIFA, sendo elas: em 1947 voltaria a ser realizada a competição do mundo e em solo brasileiro.

É fatídico que o mundo pós segunda guerra mundial estaria em cacos, sobretudo aqueles países que estiveram diretamente envolvidos, não menos que as principais potências do globo naquele momento. Em 1938, quando a Alemanha sob o comando do partido nazista de Adolf Hitler se propôs a organizar a copa do mundo de 1942, tinha as condições necessárias para promover o evento, após o início e fim da guerra, sua posição não mais era favorável para pleitear o direito à promoção da copa, havia demandas internas e externas outras que os alemães, derrotados, tinham de se voltar com maior prioridade. França, Inglaterra, Itália, Holanda, Espanha, URSS, EUA, países periféricos

---

[10] Fundada em 1914, a CBD, Fundação Brasileira de Desportos foi a entidade responsável por toda a organização dos esportes no Brasil, em 1979 ela é extinta e dá lugar a CBF (Confederação Brasileira de Futebol).

[11] "No Brasil a "Copa do Mundo.", *Jornal dos Sports*, edição de 13 de janeiro de 1950, p. 3.

do continente europeu e do continente africano, Japão, China, etc., todos esses se mostravam com demandas mais fundamentais para suas pretensões frente ao contexto global do que promover a copa do mundo.

Segundo Hobsbawm, o fim da Segunda Guerra Mundial é também o fim da Era dos Impérios[12], os países colonialistas viam ruir seus domínios sobre suas colônias, embora esse movimento de perda de controle sobre suas colônias tenha ocorrido de forma mais intensa na década de 1950, durante a guerra e no breve pós-guerra, os resultados da ingerência ou má realização dessa, movimentos separatistas/independentes e a fragilidade a que se expuseram os países de primeiro mundo eram justificativas suficientes para não se interessar por qualquer coisa outra que não se reorganizarem política, social e economicamente.

Os países de terceiro mundo, principalmente aqueles abaixo do hemisfério norte, eram justamente aqueles que se encontravam em estado de tensão política, econômica e social frente a queda dos Impérios e tinham também questões outras a serem resolvidas. Das regiões do globo que poderiam se encaixar nos parâmetros, sejam eles: estruturais, econômicos, sociais e etc., necessários para a realização da copa do mundo, sobravam os países sul-americanos que esportiva e institucionalmente já tinham forte representatividade no futebol mundial. Portanto, e não haveria como não ser, a Segunda Guerra Mundial é o principal fato condutor de onde seria realizada a copa do mundo do pós-guerra. É nesse cenário que o Brasil e a Argentina se colocam como candidatos, e aquilo que levou o Brasil a se sobressair frente à Argentina fora também consequência da segunda guerra mundial, como veremos a seguir.

Durante a formação das alianças da segunda guerra mundial, a Argentina se manteve do lado favorável ao Eixo[13], se mostrando simpatizante a Alemanha nazista, a derrota dessa, por sua vez, significou também a derrota das pretensões argentinas em realizar o evento, o que de fato ocorreu em votação já mencionada.

Quando, portanto, fora noticiado nas páginas dos jornais estudados que a realização da copa do mundo de 1947 seria no Brasil, a questão do onde seria realizada a

---

[12] Eric Hobsbawm irá desdobrar sobre o assunto em: HOBSBAWM, Eric. "In: *Era dos Extremos* (1914-1991), ver páginas: 171-172.

[13] Durante a Segunda Guerra Mundial formaram-se alianças que se puseram de lados opostos, de forma genérica temos os Aliados: EUA, França, Inglaterra e União Soviética; Eixo: Alemanha, Itália e Japão. Há de se enfatizar que os países do globo tinham de se posicionar frente a um dos lados da guerra, é nesse cenário que a Argentina se mostrou simpatizante a Alemanha de Adolf Hitler.

primeira copa no pós-guerra estava resolvida. Cabe avaliar de que forma essa notícia foi estampada nas páginas dos jornais veiculados na data próxima a 16 de janeiro de 1946.

> [...] A comissão de assuntos internacionais em sua reunião de hoje deu parecer favoravel à realização da "Coupe du Monde", no Brasil, ratificando assim que fora decidido na reunião do Congresso Sul-Americano realizada, em Santiago do Chile, em 1945. [...] Podemos, entretanto, adiantar que a escolha da sede do certame universal está praticamente decidida, pois o Brasil conta com maioria absoluta de votos a seu favor. *Jornal dos Sports*, 18 de janeiro de 1946, p. 1-3.

O *Jornal dos Sports*[14] em nada alterou sua edição daquele dia, não havendo nenhum elemento que fugisse das características de publicação do periódico que nos permita identificar que naquela ocasião um número especial foi preparado para noticiar a escolha da sede da Copa do Mundo, mesmo com o fato de ser o Brasil o tal selecionado. *O Globo*, da mesma maneira, em nada alterou suas características de publicação, na décima página daquele número, em meio aos fatos esportivos estava noticiado que o Brasil certamente sediaria a copa de 1947, como pode ser observado:

> A Comissão de Relações Exteriores do Congresso Sul-Americano de Football aprovou um parecer, considerando liquido o direito do Brasil em organizar o Campeonato Mundial de Football. Tal decisão veio ratificar o acordo já estabelecido no Congresso de Santiago. E com o recente pronunciamento da F.I.F.A. atribuindo ao Brasil o direito de patrocinar o magno certame, não resta a menor dúvida que o Rio será teatro, em 1947, do campeonato do mundo de football. *O Globo*, 16 de janeiro de 1946.[15]

O *Jornal do Brasil*, publicado em 17 de janeiro de 1946, manteve-se fiel aos seus padrões de publicação, assim como os anteriores, nada caracterizava aquela edição como especial, ela apenas salientava que o Brasil ratificava oficialmente sua candidatura como país sede e, como já era certo ao que se sabia dos bastidores, as federações selecionariam o Brasil. Não há, portanto, nenhum elemento fundamental que indique uma inclinação da imprensa estudada, nem a favor nem contra a Copa do Mundo no Brasil, contudo, esses são apenas os primeiros números observados, não existe aqui nenhuma pretensão de rotular a postura da imprensa frente ao evento de maneira genérica, apenas a constatação de que num primeiro momento a situação era de normalidade frente à novidade.

---

[14] "No Brasil a "Coupe du Monde", *Jornal dos Sports*, 18 de janeiro de 1946, p. 1-3.

[15] Todas as citações retiradas do jornal *O Globo* presentes no corpo deste esboço manterão a forma gramatical do texto original.

A preparação do Brasil para a Copa do Mundo fora e dentro dos campos.

A análise dos jornais com propósito diretamente voltado à competição e à representatividade que a mesma possui para o Brasil retornará nos capítulos adiante, em três momentos: próximo à realização do evento, no decorrer da competição e ao final da mesma. Agora, cabe analisar como o país se preparou estruturalmente para proporcionar a competição, ou melhor, de que maneira foram veiculadas, através dos jornais analisados as notícias acerca das obras urbanas que tinham ou não de serem feitas. Os anos selecionados partem de 1947 a 1950, tempo esse, até meados de 1950, que o Brasil teria para estar pronto para a competição.

O Brasil teria de se preparar para comportar dezesseis delegações de seleções de futebol, contudo, apenas treze competidores fizeram parte daquela oportunidade, foram eles: Brasil, Iugoslávia, Suíça, México, Espanha, Inglaterra, Chile, Estados Unidos, Suécia, Itália, Paraguai, Uruguai e Bolívia. Essas seleções disputariam jogos nas cidades que foram selecionadas como sede de algumas partidas, são elas: Rio de Janeiro (RJ), São Paulo (SP), Belo Horizonte (MG), Curitiba (PR), Porto Alegre (RS) e Recife (PE). Os jornais selecionados irão permitir uma análise mais centrada na cidade do Rio de Janeiro, portanto, é evidente enfatizar que as problemáticas levantadas podem ser outras para as demais regiões do país.

O ano de 1947 reserva espaço para duas inclinações mais fervorosas, a primeira delas seria: a explosão de estádios sendo construídos na cidade do Rio de Janeiro, por times que na atualidade possuem pouca expressão no cenário nacional, mas que ainda se mantém tradicionais de forma regional, como: Bangu, Bonsucesso, Madureira – esse teve seu estádio erguido em 1941, mas em 1947 passa por reformas –, e as reformas e/ou propostas de construção de estádios como fora o caso da reforma no campo do Clube de Regatas Vasco da Gama, São Januário; proposta de construção do estádio do C. R. Flamengo e a reforma no campo do Botafogo, por exemplo. Coincidência ou não, cabe enfatizar a sutileza na oportunidade em se propor investimentos na estruturação de praças esportivas, quando a Copa do Mundo passa a fazer parte da realidade do futebol brasileiro. Num segundo *boom*, aparece o debate sobre o: "Grande Estádio Municipal", esse, por sua vez, é a principal nevrálgica sobre qualquer menção de obras urbanas para sediar a competição, seja por opiniões em prol ou contra a construção do estádio, como veremos a seguir.

O Estádio Municipal, então centro das principais discussões naquele período - discussões estas que serão apresentadas e analisadas nos capítulos seguintes –, hoje é identificado como o estádio do Maracanã, localizado no bairro do Maracanã, região habitada pela classe média e classe média alta na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. O apelido Maracanã se dá a sua localidade, oficialmente o nome do estádio é Estádio Jornalista Mário Rodrigues Filho, figura importante nos centros de debate a respeito da construção do estádio, assim como dono e colunista do *Jornal dos Sports*, tendo recebido a homenagem com nomeação do estádio após sua morte, em 1966, vale dizer que da sua inauguração até o momento da homenagem feita, o estádio era chamado de Estádio Municipal. Os títulos que Mário Filho apresentava nas colunas sobre a construção do estádio eram sempre em tom de "batalha" – saliento mais uma vez que estes títulos serão abordados nos capítulos subsequentes –, parecia ser um grande entrave para as instituições públicas financiar a construção do estádio que, para Mário Filho e consequentemente para o *Jornal dos Sports*, era de essencial importância. O *Jornal do Brasil*, em publicação do dia 1 de junho de 1947[16], tece críticas ao projeto de construção do estádio, segundo a publicação, havia necessidades outras mais urgentes, segue trecho retirado da edição citada:

> Fala-se com muita insistência na construção de um grande "Stadium" para a realização de esportes, servindo á "Copa do Mundo" de pretexto para intensificarem tal campanha. Ora, muito bem! Disso é que precisamos: de um vasto "stadium" para alojar a multidão que ansiosa o superlotará a fim de assistir a trocas de pontapés, valas, bofetões, garrafadas e outras interessantes manifestações de boa educação e civilidade. [...] Quando disserem que a tuberculose anda brava que nem tiririca; quando disserem que há falta de escola e hospitais; quando disserem que o povo está subnutrido...não dêem ouvidos, não. São boatos, minha gente! Simples boatos! Vamos construir o "stadium"! E' disso que estamos precisando! *Jornal do Brasil*, 1 de junho de 1947, p. 5.

Enquanto o *Jornal dos Sports*, o que parece até intuitivo, opinava a favor de melhorias estruturais esportivas, o *Jornal do Brasil* não deixava de fazer adendos a necessidades outras que iam além de comportar o evento esportivo, com discurso voltado a demandas sociais que carecia a cidade do Rio de Janeiro. Fato é que ambos os periódicos dialogavam com públicos que consumiam e produziam opiniões divergentes, sendo assim, é possível afirmar que as opiniões contrárias e a favor da construção do estádio e

[16] "Notas Radiofonicas", *Jornal do Brasil*, 1 de junho de 1947, p. 5. Todas as citações retiradas do *Jornal do Brasil* presentes no corpo deste esboço manterão a forma gramatical do texto original.

em torno de todo o torneio colidissem entre os prós e os contra a realização do torneio e das competências que esse demandava. A base onde fundamento essa afirmativa está em dados coletados em pesquisa feita durante o período pouco antes da realização do evento, segue: em levantamento mais profundo, o Instituto do Ibope realizou em 1950 uma pesquisa com a população carioca: 57,3% dos entrevistados disseram gostar de futebol naquele ano. Se considerarmos apenas o público masculino que foi ouvido, esse índice sobe para 71,4%, enquanto entre as mulheres cai para 43,2%.[17] O futebol era popularmente aceito e crescia cada vez mais a paixão da população pelo esporte, contudo, não era de unanime aceitação e logo as pautas que giravam em torno de si e da realização da copa do mundo eram objeto de discussões pró e contra.

Reuniões de cúpulas governamentais frequentadas por figuras da imprensa esportiva, como Mário Filho, por exemplo, podem ser identificadas nas páginas dos jornais, além disso, a própria FIFA requeria da CDB reuniões com pautas sobre os financiamentos dispostos para a realização do evento, que, por sua vez, girava muito em torno da preparação estrutural das cidades sedes. Diante de reuniões de caráter organizacional, fora criada a Comissão Executiva do Estádio Municipal, presidida pelo coronel Herculiano, em 25 de janeiro de 1948 o *Jornal dos Sports* veiculava que o projeto do estádio municipal estava definido e pronto para ser colocado em prática na próxima terça-feira a partir daquela data.

Ademais, as publicações que se arrastam no *Jornal dos Sports* até o ano da copa, no que podemos identificar de matérias a respeito da preparação para a copa do mundo, toda ela direciona o olhar do leitor para a construção do estádio. Para as pretensões da pesquisa, observo a exaustiva aparição do tema na fonte como positiva, porém, vale dizer que se as pretensões fossem observar mais afundo o contexto urbano da cidade do Rio de Janeiro e das outras cidades sede, estaria esbarrando aqui numa dificuldade para a pesquisa, exigindo do pesquisador outras fontes, mesmo que ainda oriundas da imprensa. O *Jornal do Brasil*, como citado, em muito criticava a construção do estádio municipal e enfatizava os exageros – quando postos frente a outras necessidades mais urgentes – de reformas que atendiam somente às demandas esportivas. Alheio ou não as opiniões, o

[17] PENARIOL, Júlio César; MARQUES, José Carlos. A derrota do Brasil para o Uruguai no jogo final da Copa do Mundo de 1950 pelas páginas do jornalismo de revista brasileiro. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação; p. 3 – Rio de Janeiro, RJ – 4 a 7/9/2015.

estádio fora construído e sua realização é também objeto de um discurso feroz sobre o fardo que os jogadores brasileiros levariam naquela copa, debate para outro capítulo.

> O estádio é um milagre. Um milagre na expressão mais pura porque é uma obra de fé. E como toda obra de fé construida em meio da descrença. De uma descrença que não se contentou em não acreditar. [...] A realização do que não se acredita possivel. Possivel dentro da capacidade humana. [...] O estadio está diante dos olhos de todos. [...] Honrando o trabalho do homem. No caso, o homem brasileiro. [...] Hoje o estádio é o cartão postal do Brasil. Um cartão postal que vale mais do que Pão de Açucar, do que o Corcovado, do que a Baia de Guanabara, porque é obra do homem. Uma prova da capacidade de realização do Brasileiro. *Jornal dos Sports*, 16 de junho de 1950, p. 5.

Deixando o contexto que circunda a preparação urbano-estrutural e apontando para a preparação esportiva, implico em dizer que a análise da preparação esportiva da seleção brasileira será feita inteiramente a partir da perspectiva do *Jornal dos Sports*, deixando de lado o caráter comparativo entre os periódicos. A escolha por tal abordagem se dá pela cobertura esportiva que o *Jornal dos Sports* contempla, os redatores estavam frequentemente nos bastidores do esporte e, Mário Rodrigues Filho talvez tenha sido o jornalista esportivo mais influente da década de quarenta e cinquenta no país, tanto nos bastidores quanto na escrita das crônicas sobre esporte. Não somente a figura de Mário Filho era um pilar fundamental, o *Jornal dos Sports* fizera franca mudança em sua estrutura a fim de comportar da melhor maneira a cobertura da competição.

Ao analisar a estrutura do *Jornal dos Sports*, nota-se que as primeiras cem edições do ano de 1949 apresentam os seguintes dados quanto ao número de páginas impressas por edição: 38% dos periódicos foram publicados com 6 páginas, 39% com 8 páginas, 15% com 10 páginas, 8% dividido igualmente entre 12 e 14 páginas. É importante acentuar que as primeiras publicações daquele ano são majoritariamente lançadas com 6 páginas, esse número mínimo apresentado vai dando lugar aos periódicos lançados com 8 páginas, as edições mais robustas aparecem com mais frequência nas últimas edições pesquisadas. Quando observado o ano de 1950 sob a mesma lógica, temos os seguintes números: 50% dos periódicos foram publicados com 8 páginas, 28% com 10 páginas, 10% com 12 páginas, 8% com 14 páginas e 4% com 16 páginas.

Os dados apresentados estão diretamente ligados ao aproximar da competição mundial, as páginas do *Jornal dos Sports* passam a ser preenchidas com mais propagandas, esse é o primeiro detalhe notável, as colunas sobre esporte e fotografias ganham mais corpo, algo que já era característico do periódico ganha mais intensidade, o

número mínimo de páginas impressas por edição sobe para oito, duas a mais que no ano anterior. Dentro dessa formatação, as notícias fundamentais passam a tomar seu título na capa dos números com espaço reservado para o desenvolvimento textual, geralmente, na página 4 e, principalmente página 5, essa também reservada aos principais cronistas esportivos do jornal: Mário Filho, Vargas Netto, Geraldo Romualdo da Silva etc.

Deixando de lado as motivações para uma análise mais profunda do *Jornal dos Sports*, voltemos ao cerne da questão central. A preparação do selecionado brasileiro passava por duas premissas fundamentais: o entendimento das regras aplicadas ao jogo pelos árbitros europeus e o aprimoramento da parte física e tática da equipe. É preciso entendermos aqui um ponto fundamental: a última copa realizada antes de 1950, em 1938, havia deixado marcado nos brasileiros a necessidade de intercâmbio com os europeus para a compreensão das formas que as regras do jogo são aplicadas por juízes do continente europeu. Naquela ocasião a seleção brasileira havia sofrido de tal maneira que a experiência de arbitragem europeia no Brasil era a dose de preparação que a seleção julgava necessária para condicionar os jogadores a uma conduta similar a dos jogadores europeus dentro de campo. Peter Burke analisa esse tipo de aproximação e troca cultural da seguinte maneira:

> "Uma reação comum ao encontro com outra cultura, ou com itens de outra cultura, é a adaptação, ou empréstimo no varejo para incorporar as partes em uma estrutura tradicional. É o que o antropólogo francês Claude Lévi-Strauss chamava de 'bricolagem'. (...) A adaptação cultural pode ser analisada como um movimento duplo de descontextualização ou recontextualização, retirando um item de seu local original e modificando-o de forma a que se encaixe no seu novo ambiente. (BURKE, 2008. p.91)."[18]

E era dessa maneira que a comissão técnica responsável pela preparação da seleção brasileira enxergava, quando resolveram pedir que o árbitro inglês Mr. Reader viesse ao país palestrar e praticar sobre as formas que se jogava futebol na Europa. Como dito, a presença do árbitro funcionaria como uma via de mão dupla, ele não somente iria externar suas características da aplicação da regra do jogo como também iria observar e adequar suas características a forma que os sul-americanos praticavam o esporte no estreito de suas diretrizes. Vale enfatizar que não se tratava de uma imposição cultural ou afirmação de que os europeus entendiam melhor a regra do jogo, a questão era que o

[18] BURKE, Peter. *Hibridismo cultural.* São Leopoldo: Unisinos, p. 91, 2008.

Brasil, a partir de 1938 e do polêmico lance que tirou a equipe brasileira daquela competição, entendia ao impulso de uma tecla que foi muito batida o seguinte ponto: não compreender como os árbitros europeus enxergavam o jogo foi um dos principais fatores daquela eliminação.

Flávio Costa, treinador da seleção brasileira naquela ocasião, entendia que parte da preparação física e tática passava por jogar contra boas equipes antes do início da competição, portanto, alguns selecionados sul-americanos vieram ao Brasil e, dentre eles, o mais importante a se enfrentar era a seleção do Uruguai, já campeã do mundo e tradicionalíssima àquela altura. Foram três jogos disputados entre as equipes, no estádio do Pacaembu, em São Paulo e por duas vezes no Rio de Janeiro, em São Januário. As duas primeiras partidas se definiram com uma vitória para cada equipe, tendo os placares terminados com um gol de vantagem para cada, o Brasil perdeu em São Paulo e havia vencido no Rio de Janeiro, uma terceira partida disputada daria novamente a vitória ao Brasil por um a zero. Segundo Mário Filho, em longo texto publicado no dia 16 de maio de 1950, no *Jornal dos Sports*, enfatizava que, apesar das falhas do selecionado brasileiro, aquela equipe uruguaia era a melhor formada pelos "celestes" depois da equipe campeã no mundial de 1930. A vitória da equipe brasileira no segundo jogo deveria ser – e muito – valorizada.

> [...] O entusiasmo que despertou o goal brasileiro foi maior do que o da vitória brasileira. Por que? Talvez porque a vitória tivesse vindo depois de quase dois tempos de maus pressentimentos. A facilidade com que o scratch uruguaio marcou dois goals, ou melhor, as falhas da defesa brasileira que permitiram dois goals uruguaios, não podiam oferecer tranquilidade ao público. [...] Os sustos do primeiro tempo, porem, tinham deixado marcas no publico. O publico já se impacientava. Temendo mais, inclusive, quando devia temer menos. *Jornal dos Sports*, 16 de maio de 1950, p. 5.

Os jogos não somaram a si apenas um lugar de análise para o desempenho técnico, tático e físico da seleção brasileira, eles também serviram de instrumento para os redatores do *Jornal dos Sports* descreverem as reações do público diante das partidas de maneira que a descrição não seria puramente pragmática, mas que ajudaria a transformar a partir daquele campo de experiência um horizonte de expectativas[19] daqueles que não somente iriam acompanhar os jogos mais de perto, mas também daqueles que teriam um contato mais distante. Essa relativização da aproximação do público com as partidas, no

[19] KOSELLECK, Reinhart. Futuro-passado: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto (PUC RIO), 2006.

meu ponto de vista, passa pelas seguintes instâncias: ir ao estádio; acompanhar a transmissão simultânea através do rádio; fazer a leitura através dos impressos no pós-jogo e nas conversas cotidianas a respeito das partidas/campeonatos. Portanto as experiências com os jogos se dão em graus distintos, estando os últimos consumidores, seguindo a sequência que arquitetei, mais sujeitos a construir suas expectativas a partir da opinião de outrem. Ainda sobre as partidas disputadas contra a seleção do Uruguai antes do início da copa: "considerou-se uma derrota apertada como um desastre e uma vitoria apertada como uma simples vitoria."[20]

A parcialidade impulsionada por um patriotismo perceptível na construção dos discursos escritos em crônicas deve colocar o pesquisador numa posição de alerta sobre a radicalidade da construção textual produzida – entenda que esses discursos são as crônicas que mais adiante serão analisadas. Em capítulos subsequentes, farei a análise devida desses discursos produzidos onde ei de observar qual o impacto tivera sobre os jogadores brasileiros as perspectivas em torno daquela competição e, é certo que as páginas jornalísticas podem proporcionar uma aproximação com o sentimento dos mais aficionados pelo futebol no meio popular, é nesse momento que a parcialidade ora citada dos colunistas do *Jornal dos Sports* entra em favor do argumento da análise, vez em que suas opiniões são manifestadas também com paixão, como irei tentar esclarecer mais adiante.

O jornalista Mário Rodrigues Filho

O presente subtítulo objetiva a apresentação de elemento de análise significativa para a concepção do trabalho, o jornalista Mário Rodrigues Filho, o segundo irmão mais velho do celebre dramaturgo Nelson Rodrigues, filhos de Mário Rodrigues e Maria Esther Falcão, seu pai fora um advogado e jornalista polêmico e também proprietário de dois periódicos*: A Manhã*, 1925 e *Crítica*, 1928. O intuito aqui é aproximar o leitor das subjetividades do cronista, para que, quando questionar ao decorrer da leitura com quem Mário Filho estava dialogando, vislumbrar a possibilidade de que ele era um aficionado por futebol e fez da sua competência como jornalista para se aproximar desse campo de abordagem. Portanto, o cronista Mário Filho como era de maneira pertinente chamado, pode ser encontrado nas diversas produções acadêmicas acerca de sua trajetória jornalística como o inventor do jornalismo esportivo, o grande precursor das colunas de

[20] "Mesmo vencendo o melhor scratch uruguaio dos u'ltimos anos os brasileiros não recuperaram a confiança do público", *Jornal dos Sports*, 16 de maio de 1950, p. 7.

esportes, não é meu intuito relativizar o seu legado, mas afirmo que de maneira incontestável Mário Filho foi extremamente influente na popularização dos desportos no Brasil, principalmente o futebol e na forma de se construir as colunas de esporte.

A trajetória do cronista dos esportes começa como gerente no primeiro jornal de seu pai, *A Manhã*, aos seus 17 anos, aos 20, Mário assumia a esquecida coluna dos esportes. Contudo, seria no jornal *Crítica* que o cronista iria pôr em práticas os seus ideais de jornalismo esportivo. Seria Mário Filho como um inventor das fórmulas de se produzir uma linguagem para o jornalismo esportivo? Não, para Ruy Castro:

> [...] Os vapores da Semana de 1922 já tinham se espalhado pelo Brasil e os truques mais modernosos do Modernismo - as frases curtas, os "flashes" visuais, um certo jeitinho malcriado de escrever - eram uma doença entre os jovens escritores. Os modernistas eram fáceis de imitar, tanto que se imitavam uns aos outros, como Oswald de Andrade e Ronald de Carvalho, que eram os que Mario Filho, por sua vez, imitava (CASTRO, 1992, p.112).

Concordo com Ruy Castro, entendo que o cronista não seria, de fato, o inventor de quase tudo que fez de suas produções referência no âmbito do jornalismo esportivo, contudo, é possível lançar a perspectiva de que Mário Filho teria entendido ao menos o momento e as conjunturas favoráveis para a aplicação dos métodos que ele tomou, afinal, de fato ele atingiu uma relevância que não caiu do céu. Segundo Nelson Rodrigues[21], Mário Filho entendia que as mudanças para dar o lugar que o jornalismo esportivo deveria ocupar passava por três pilares: valorização do jornalismo especializado no assunto, entende-se também como profissionalização dessa camada; alterar abruptamente a linguagem usada nos textos jornalísticos sobre o esporte, a simplicidade da escrita feria os mais conservadores escritores esportivos e atingia diretamente o seio dos abastados que foram precursores da prática do esporte no país; alterar o formato dos impressos para comportar o conteúdo esportivo de maneira devida.

Foi a partir de 1931, após a revolução de 1930 que pusera fim não só a um contexto político nacional, mas também ao jornal que Mário dirigia após a morte de seu pai, *Crítica* – Mario era declarado opositor daqueles que triunfaram e como represália atacaram a redação do jornal – que o cronista alçou de vez como um grande nome do jornalismo esportivo. A convite de seu amigo Roberto Marinho que acabara de tomar posse do jornal

---

[21] CAPRARO, André Mendes. Mário Filho e a "Invenção" do Jornalismo Esportivo Profissional. *Movimentos*, Porto Alegre, v. 17, n. 02, p. 213-224, abr/jun de 2011. p, 215.

O Globo, Mário Filho assumiria a coluna de esportes e então colocaria por definitivo seu nome nos referenciais jornalísticos.

As mudanças propostas por Mário Filho na forma de se produzir notícia esportiva logo começou a ser encarada, "o Botafogo Football Club passou a ser apenas Botafogo, o The Bangu Athletic Club, nada mais era que o Bangu, e assim sucessivamente."[22] As novidades poderiam ser vistas não apenas através das letras, mas também nas fotografias, os jogadores deixariam de ser fotografados com ternos e gravatas, mas sim no ambiente de exercício do que para muitos era o seu trabalho, no futebol. Imagens de jogadores treinando, antes e depois dos jogos etc. E foi no *Mundo Esportivo*, 1931, com aval de Roberto Marinho, que Mário Filho tentou em seu primeiro jornal exclusivo para esportes intensificar tais mudanças, sem sucesso. Oito meses após a inauguração do *Mundo Esportivo*, o jornal fechou.

O *Mundo Esportivo* não deixaria, como se imaginava, um legado para o esporte, mas para o samba. O *Mundo Esportivo* foi responsável por inventar o concurso das escolas de samba que fora oficializado pela prefeitura do Rio de Janeiro logo depois. A essa altura, Mário Filho já teria ganhado tanto espaço no âmbito jornalístico esportivo que mesmo com o fracasso do *Mundo Esportivo* o cronista tinha livre acesso a tudo que era lugar destinado a práticas esportivas.

No entanto, toda a trajetória de Mário Filho ainda não tinha lhe rendido sua independência financeira e foi em 1936 que surgiu a oportunidade. Argemiro Bulcão, dono do *Jornal dos Sports* que havia sido criado quase que junto ao *Mundo Esportivo* e fizera muito mais sucesso, estava disposto a vender sua propriedade. Num conchavo com Roberto Marinho e alguns outros apoiadores, Mário Filho compra o *Jornal dos Sports* em agosto daquele ano. A nova função de Mário Filho como diretor de um jornal não ocasionou seu desligamento de *O Globo*, pelo contrário, naquele momento ele firmava o periódico como o detentor da melhor coluna esportiva do país. Em 1942, o cronista cria a coluna "Da primeira fila", um sucesso total de onde sairiam belas histórias que mais tarde viriam a se tornar parte da sua principal obra, *O negro no futebol brasileiro*, a primeira edição fora lançada no ano de 1947.

---

[22] CARVALHO, Priscila Alves. *Mário Filho, Futebol e Maracanã*. Monografia. Universidade Federal do Rio de Janeiro Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Escola de Comunicação, 2008, p. 21.

Amigo próximo e simpatizante das abordagens de Gilberto Freyre, Mário Filho indaga em *O negro no futebol brasileiro* que o futebol teria se tornado o principal instrumento de ascensão social do negro e do pobre.[23] No seio dessa concepção, eles identificavam a necessidade da mistura de raças como fator enriquecedor para a sociedade brasileira, o futebol no Brasil nasceu branco e aristocrático, mas para se tornar brasileiro de fato, precisava da mistura de raças característica do país.[24] Os termos utilizados pelo cronista em tal afirmativa levantam hoje debates sobre suas significações enquanto constructo social e narrativa historiográfica, porém, ao contexto da época, pautas como: miscigenação, eugenia e urbanização estavam em curso direto e Mário Filho não se isolava destas questões, ele é produtor e fruto de enunciados que estavam presentes e se manifestaram no seu contemporâneo.

Ao destacar pontos característicos do cronista, vale dizer sobre suas crônicas, afinal. Mário Filho tinha sua metodologia de escrita estrita a alguns parâmetros de formatação textual, quase que invariáveis: logo abaixo de sua assinatura, a qual se fazia por "Mário Filho", seus títulos estavam sempre destacados em letras garrafais, em negrito, e raramente encabeçavam a página, em sua grande maioria sua crônica era estampada no meio da quinta página do número lançado; títulos sempre objetivos, explicitando a ideia central da crônica. O texto seguia direto ou era intercalado de subtítulos que interligavam suas narrativas, ponderava pouco as críticas e não menos os elogios, transpassava sua subjetividade ao objeto de maneira perceptível, tendo o futebol como fonte nevrálgica de suas crônicas, seja numa abordagem direta aos jogos e campeonatos, avaliando desempenho coletivo e individual dos praticantes do esporte ou trazendo informes e sua opinião sobre os bastidores do futebol. Irei reservar o espaço para uma análise mais profunda de suas crônicas para mais adiante, porém, a imagem a seguir é solidificação da descrição apresentada, evidenciando as características destacadas nas crônicas de Mário Filho.

---

[23] CARVALHO, Priscila Alves. *Mário Filho, Futebol e Maracanã*. Monografia. Universidade Federal do Rio de Janeiro Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Escola de Comunicação, 2008, p, 24

[24] *Ibidem*, 2008, p. 24.

Figura 1 - A crônica de Mário Filho

Ano 1950\Edição 06248

MARIO FILHO:

A Arma Da Intriga Na Nova Campanha Contra O Estadio Municipal

O PATÉTICO, A TERNURA E O MONUMENTAL NA OBRA DE MARIO FILHO

ARY DA MATTA

CARTAS DE LONDRES

O "NEWCASTLE" É O NOVO "CLUBE DO BANCO DA INGLATERRA"

OS JOGADORES INGLESES NÃO RECEBEM NADA SOBRE AS TRANFERENCIAS QUANTIAS ENORMES PAGAS PELAS SUAS

De Willy Meisl

Fonte: *Jornal dos Sports*, 3 de janeiro de 1950, página 5.[25]

A escolha pela primeira edição do ano de 1950 como imagem no corpo do texto é, para além de evidenciar as características descritas e colocar o leitor mais próximo da visualidade do periódico, mas atentar a sua feliz particularidade, o fato de que o título remete a uma questão aqui já dita por mim, o tema central e destacado no título refere-se as ditas "batalhas" que envolviam o Estádio Municipal. Encerrar o capítulo falando sobre Mário Filho e apresentando características de suas produções textuais que foram e serão substancialmente abordadas daqui em diante é a ponte necessária para aproximar o leitor das crônicas que serão destacadas/analisadas nos capítulos seguintes.

[25] Para realizar uma observação com melhor qualidade, acessar o seguinte link: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=112518_01&hf=memoria.bn.br&pagfis=35087.

CAPÍTULO II

"Nada de ilusões": as crônicas do *Jornal dos Sports* e de Mário Filho no ano da copa.

Parte do título do capítulo é de trecho retirado do próprio *Jornal dos Sports*, pretendo aqui construir uma narrativa que tome exaustivo uso da fonte, aproximando o leitor das crônicas do periódico. As publicações que aqui farão parte da análise se localizam entre os meses de janeiro a junho de 1950, do início do ano da competição até um dia antes do início do torneio, datado para ocorrer no dia 24 de junho daquele ano. Também vale dizer que este capítulo irá na direção da tentativa de contemplar questões que foram abordadas de forma mais sucinta no primeiro capítulo, como a problemática do Estádio Municipal e algumas outras que estavam no radar de Mário Filho, por exemplo. Irei abordar, para além disso, outras questões, como: nação, nacionalismo e discursos.

"O" Estádio para a copa

O Estádio Municipal assim era chamado e que conhecemos hoje como Maracanã, substantivo também já utilizado e popularizado no ano de 1950 é o objeto das primeiras crônicas[26] publicadas por Mário Filho no ano de 1950. As expectativas em torno da construção do estádio que se manifestavam nas publicações dos cronistas carregavam em si a transformação do estádio num marco simbólico, o símbolo da capacidade do homem, do homem brasileiro e, por causalidade, do Brasil. O próprio Mário Filho indagaria:

> E o Estadio, único teatro digno do maior acontecimento esportivo e turístico já realizado no Brasil. E que, vale a pena acentuar, é a grande propaganda do campeonato do mundo em todo o mundo. Como obra que dignifica o homem. O homem de modo geral, o brasileiro de um modo particular. O Estadio Municipal está ai quase pronto. *Jornal dos Sports*, 11 de janeiro de 1950, p. 5.

O palco da copa do mundo era lugar ideal para fomentar os discursos de identidade nacional dado ao contexto da época. A copa do mundo sucede o advento da Segunda Guerra Mundial que eclode após a formação de um estado totalitário, forjado na Alemanha nazista, e que é consequência do extremismo que foi levado os discursos de identidade e antissemitismo junto à assimilação de mecanismos fundamentados no "mal absoluto"[27] naquela sociedade. O período citado antecede – está inserido no contexto de reorganização dos Estados-nação envolvidos na grande guerra – as ditaduras no Brasil e no restante da América Latina e as intervenções militares soviéticas na Alemanha (1953), Hungria (1956)[28], movimentos articulados durante a Guerra Fria. Dito isso, é possível validar que este é o cenário ideal para hastear bandeiras e símbolos de representatividade e soberania de uma nação. Por esse ângulo identifico aqui uma tentativa do periódico e talvez mais particularmente do próprio cronista Mário Filho de um agenciamento político do Estádio Municipal – e do futebol brasileiro –, enaltecendo sua construção até a dimensão do simbólico, representação concreta das capacidades de quem o construiu: o brasileiro. Segundo Mário Filho: "Hoje o estadio é o cartão postal do Brasil. Um cartão

---

[26] "O primeiro dia de vida do scratch brasileiro para o campeonato do mundo." *Jornal dos Sports*, 11 de janeiro de 1950, p. 5.

[27] Para uma assimilação mais aprofundada do conceito, ver: ARENDT, Hannah. "O movimento totalitário.", p.390-438; "Ideologia e terror: uma nova forma de governo.", p.512- 531. In: *Origens do totalitarismo.* Companhia das Letras. São Paulo, 1889.

[28] ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, p. 26, 2008

postal que vale mais do que o Pão de Açucar, do que o Corcovado, do que a Baia de Guanabara porque é obra do homem."[29]

A construção dessa ideia do estádio como um marco simbólico passa, é claro, pelas narrativas construídas a respeito do tal. Associar os escritos à imagem da *grande obra esportiva* era tarefa entendida pelo periódico, eram nessas dimensões e nas transmissões radiofônicas que a ideia cairia no meio popular. Benedict Anderson (2008) salienta o papel fundamental da cultura escrita e da imprensa na construção, narração e difusão do "sentido da nação", (ANDERSON, 2008, p. 21) vale ressaltar, no entanto, que aqui entende-se que a passagem de Anderson viabiliza o entendimento ao enunciado da copa do mundo – subjetivamente o futebol – e sua representatividade para o Brasil, elemento que iria se configurar como presente nesses *sentidos da nação*. "Eis o Estádio Municipal, a obra magnífica, para o presente e para a posteridade, que se ergue no antigo Derby. [...] E assim o desporto brasileiro fica possuindo a maior praça de esportes do mundo."[30]

Figura 2 - O Estádio Municipal

Fonte: *Jornal dos Sports*, 7 de abril de 1950, p. 1.

A imagem do estádio permite visualizar as dimensões do que estava sendo preparado, a inauguração do estádio seria realizada dias antes do início da competição, no dia 16 de junho daquele ano. "Observa-se nitidamente a cobertura do estádio prestes a concluir-se. E pode-se ter uma ideia impressionante do que será o local em que irão

[29] "O inicio de uma nova era para o esporte brasileiro." *Jornal dos Sports*, 16 de junho de 1950, p. 9.
[30] "Visão gigantesca do colosso que se completa.", *Jornal dos Sports*, 7 de abril de 1950, p. 1.

reunir-se as maiores expressões do football mundial dentro de poucos meses."[31] A fotografia foi tirada no horário das 16:15, horário que os jogos seriam realizados, portanto, essa perspectiva lançada ao olhar na fotografia pontua a posição do sol e destaca que os raios de luz não iriam atrapalhar os jogadores nem parte dos torcedores presentes nos jogos. O jornal destaca que a obra: sua beleza e elaboração premiariam as duras batalhas enfrentadas pelo general Mendes de Morais – naquele momento prefeito da cidade do Rio de Janeiro –, sujeito que coordenou e tomou frente legal a partir de comissão criada para elaboração do estádio, a entrega do Estádio Municipal era o atestado de que os esforços do general tiveram resultados.

Não apenas como um grande palco para a copa, representação das capacidades do povo brasileiro, o estádio também era identificado como "arma" para a seleção brasileira. A seleção teria mais conhecimento sobre os aspectos do gramado, suas dimensões, seus pontos que interferem no desempenho técnico da prática futebolística, o estádio comportaria um público que voltaria todo seu apoio aos jogadores brasileiros, a estas condições se dá a expressão: jogar em casa.

> E o conhecimento do gramado do Estadio Municipal é uma das vantagens do scratch brasileiro no campeonato do mundo. Cada gramado tem a sua peculiaridade. E' precioso conhece-la para não correr os riscos da estranheza. Naturalmente o scratch brasileiro vai treinar varias vezes no Estadio Municipal. Mais vezes do que qualquer outro concorrente a Copa do Mundo. *Jornal dos Sports*, 6 de abril de 1950, p. 5.

Essa perspectiva lançada ao estádio contempla o imaginário de que para além das dimensões outras já citadas que emergem de sua construção, está a perspectiva do mesmo ser o lugar feito para que o Brasil possa nele vencer e se sagrar campeão do mundo. A final do torneio seria jogada no Maracanã, as dimensões do seu terreno era campo fértil para a idealização da vitória brasileira ocorrer em "sua casa", era a chance de afirmação concreta – através do título – de firmar o rótulo de "melhor futebol do mundo" no "maior palco esportivo do mundo". Essa dimensão será ainda mais perceptível nas narrativas construídas ao término da competição, no momento certo trarei mais dessa reflexão.

Sendo assim, fica visível a representatividade do Estádio Municipal para o torneio, entende-se que sua elaboração dimensiona não apenas o material como também o imaginário, talvez tenham sido motivos esses o que levou Mário Filho e o *Jornal dos*

---

[31] "Visão gigantesca do colosso que se completa.", *Jornal dos Sports*, 7 de abril de 1950, p. 1.

Sports ao lançarem tantos esforços sobre a necessidade de se concluir a obra, de enaltecer sua importância para o Brasil no âmbito competitivo e representativo.

Ademais, é válido pensar as condições que a população haveria de enfrentar para estarem de fato presentes nos estádios que sediariam os jogos. Segundo o *Jornal dos Sports*, o valor médio dos ingressos para que a copa se tornasse um produto mais rentável do que prejudicial à economia, as partidas deveriam rentabilizar uma média de 900 mil cruzeiros por partida. Seriam jogadas 24 partidas ao total durante a competição, na pior das hipóteses a C.B.D. precisaria arrecadar cerca de 20 milhões de cruzeiros com os jogos. As bilheterias teriam de atingir recordes de vendas.

A copa do mundo para o mundo

Toda a idealização de que a copa do mundo mostraria ao mundo o que é o povo brasileiro passa por conseguir transmitir essa ideia, afinal, de nada adiantaria para as pretensões ideológicas de representatividade nacional construir mecanismos e propagandas que apenas contemplassem o público brasileiro. É lógico que o brasileiro tinha de ser convencido da importância da copa do mundo, mas o mundo precisava saber o que aqui estava acontecendo, o Brasil tinha de ir além de suas fronteiras geográficas e através dos meios de comunicação propagandear o evento que realizaria em seus domínios territoriais. "O campeonato do mundo e' feito para o mundo."[32] Jules Rimet, então figura de representatividade máxima da FIFA, a qual a taça do mundo carregava o seu nome, em entrevista a um repórter em Paris-FR, destacou: "– O Brasil precisa compreender que um Campeonato do Mundo é feito para o mundo e não, exclusivamente para aquele que o patrocina."[33] Havia esse entendimento entre as figuras diretamente ligadas as causas práticas da realização da copa do mundo, políticos, comunicadores, entendia-se a necessidade de propagandear a competição no Brasil, não obstante, mas também era pontuada as ausências de seleções que representavam bandeiras de nações importantes. "Argentina, Áustria, Bélgica, todos esses países precisam ser lembrados. Não virá também a Suíça? Não importa, mas os suíços poderão esperar a participação dos brasileiros em 1954?...Certo que não."[34] O Brasil participaria da copa de 1954 em solo suíço. Vale dizer, portanto, que as ausências eram sentidas e tratadas até com certa amargura, afinal, era de intuito que quanto mais do mundo – entende-se aqui como

[32] "Mas o Brasil pouco fez", *Jornal dos Sports*, 13 de janeiro de 1950, p. 4.
[33] *Ibidem,* 1950, p. 4.
[34] "Desistências e represálias...", *Jornal dos Sports*, 14 de abril de 1950, p. 5.

"mundo" de preferência os países europeus, "berço de civilidade" – vissem o que é o Brasil, melhor impressão teria do seu povo.

Dois meses após a entrevista em solo francês, Jules Rimet destacaria: "– Se o Brasil souber tirar proveito do Campeonato do Mundo, acredito que irá fazer a mais intensa e tambem a mais econômica propaganda de suas coisas, de suas belezas e de seus homens."[35] As passagens de Jules Rimet talvez marcam que houve falha na divulgação da competição que seria realizada no Brasil, é de se imaginar que pela dimensão do evento e se tratando de um esporte que já se tornava popular pelo mundo, notícias a respeito veiculariam nas páginas dos jornais, contudo, a dimensão, quantidade e profundidade que essas propagandas eram feitas tinham de ser imaginadas ao ponto que de fato o público do exterior estivesse ciente das expectativas para a capacidade do Brasil de proporcionar um evento com excelência, e talvez não tenha sido feita de maneira efetiva:

> Volto aos meus leitores para lhes dizer que estive na França e só uma única vez ouvi falar no Campeonato Mundial de Football, a se realizar no Rio. [...] Não é que na França as páginas esportivas não estejam cheias de noticiário esportivo. O francês gosta de football. O que nos falta é propaganda. E sem propaganda nada anda mais neste mundo de coca-cola. *Jornal dos Sports*, 25 de abril de 1950, p. 5.

A copa do mundo era também um produto a ser vendido, produto enquanto esfera de impulsos ideológicos e econômicos e havia a necessidade de que a propaganda a respeito desse produto fosse conduzida de maneira relevante e efetiva, para não ser redundante: talvez não tenha contemplado o que se imaginou ou não tenha sido nem sequer elaborado um projeto propagandístico que contemplasse as necessidades exigidas pelas proporções da realização do evento, para esse entendimento fica a seguinte passagem:

> Tambem não houve propaganda pré-estabelecida nem pré-dirigida do Governo em favor da "Copa". [...] De qualquer modo, porém, tudo que se fez – da parte dos jornais ou desses representantes – teve por base o Estadio Municipal. [...] o europeu continental e de aquém-continente não conhece o Brasil senão através da magnificencia massa cimento que se elevou no Maracanã. *Jornal dos Sports*, 30 de maio de 1950, p. 5.

É preciso convir que o Estádio não seria suficiente para representar os progressos sociais-esportivos imaginados em serem alcançados com a promoção do evento

[35] "Mas o Brasil pouco fez", *Jornal dos Sports*, 13 de janeiro de 1950, p. 4.

esportivo, dito isso, sustento o que foi dito a respeito de como se deu as divulgações propagandísticas. O problema da divulgação da competição não se fazia um problema somente para o mercado externo, a propaganda interna também foi aquém do que se deveria:

> E para que se tenha uma ideia do descuido da C.B.D., no que respeita à propaganda da "Copa do Mundo", basta que se afirme que um desportista chegado de Belo Horizonte, interessado em assistir a inauguração do "Estadio Municipal", perguntou-me, ontem, intrigado: – Onde estão, aqui no Rio, os cartazes de propaganda do "Campeonato do Mundo"? Pensei que fosse somente em Belo Horizonte que não se falasse no assunto. *Jornal dos Sports*, 22 de junho de 1950, p. 5.

A má condução dos veículos e meios de propaganda sobre a copa do mundo para o mercado interno e externo salienta ainda mais o papel fundamental dos periódicos na divulgação propagandística do evento. A produção que visava o público brasileiro tomara ainda como parte dessa propaganda o apelo patriótico que cunhava o caráter da competição.

De olho no presente e no passado "jogado" dentro das quatro linhas

Enquanto a data de estreia se aproximava, as manchetes do *Jornal dos Sports* tomavam em rédea várias pautas que vislumbrassem possíveis cenários para a seleção brasileira durante a competição, dentre elas estavam as dolorosas e alarmantes memórias dum passado recente do Brasil em competições futebolísticas, inclusive, nas copas do mundo jogadas anteriormente (1930, 34 e 38). A narrativa surgiu em torno de duas situações em específico: a partir dos jogos disputados com o Uruguai – já citado – que esmaeceu uma certa arrogância do scratch "A" brasileiro, ou seja, jogaram convencidos de que venceriam e acabaram por perder, em contrapartida o scratch "B" no jogo da volta em São Januário jogou despido de vaidade e triunfou sobre os uruguaios; a segunda situação surge do fator de que as três últimas seleções que eliminaram o Brasil das últimas três edições da Copa do Mundo estariam presentes entre as dezesseis delegações que estariam no Brasil para a disputa do torneio. Sobre todas as situações citadas estava direcionado o olhar de Mário Filho, o trecho abaixo, retirado de sua crônica, acentua uma ideia por vezes repetida por ele:

> Quando os brasileiros jogam um football serio, completa noção de responsabilidade, com perfeita consciencia de equipe, são insuperáveis. Quando, porem, se mascaram, subestimando os adversários, podem perder de qualquer team. Há naturalmente um lado bom na derrota do Pacaembu: o aviso de que é possível o Brasil perder no seu campo diante do seu público. *Jornal dos Sports*, 9 de maio de 1950.

O sentimento provindo da derrota no primeiro jogo para o Uruguai despertou nos cronistas do *Jornal dos Sports* o pesar de que a postura de superioridade brasileira sobre os demais adversários poderia ser, de fato, um grande problema para a disputa da competição. A partir dessa perspectiva o jogo de volta em São Januário guardaria outras impressões que alimentariam ainda mais esse temor: o fato do scratch "B" da seleção brasileira entrar ciente da sua "inferioridade" frente ao adversário os condicionou a uma vitória que não fora esperada quanto no jogo do scratch "A". Anteriormente já fora citado como esses jogos se fizeram lugar para análise – produzidas principalmente por Mário Rodrigues – mais genérica do processo de entendimento da postura da torcida e dos redatores quanto as expectativas para com o desempenho da seleção no torneio:

> E' preciso que os jogadores brasileiros se compenetrem das grandes responsabilidades que tem na defesa das cores brasileiras. Não se trata de exigir vitorias. A conquista do campeonato do mundo. O Brasil pode perder, mas tem de perder lutando como lutou o scratch B em São Januario. Se perder como perdeu o scratch A em Pacaembu o público brasileiro não perdoará essa derrota. *Jornal dos Sports*, 9 de maio de 1950, p. 5.

No jogo disputado em São Paulo os jogadores brasileiros foram vaiados. Mário Filho destaca que: "o torcedor não perdoa a falha de nenhum jogador em se tratando do scratch brasileiro, do Brasil. Os jogadores precisam não se esquecer disso. Muito mais agora quando o Brasil aspira, numa oportunidade única, o campeonato do mundo."[36] Existe um ambiente de hostilidade em caso de fracasso da seleção brasileira em conquistar a copa do mundo. Os elementos que forjam a narrativa construída em torno da equipe sempre são preenchidos com enunciados de responsabilidade acintosa da equipe. Noto, portanto, que o periódico – e Mário Filho – se dirige sobre uma linha tênue entre: responsabilizar em excesso os jogadores que disputariam a competição e abrandar os ânimos dos torcedores e dos próprios jogadores, constituindo um campo discursivo que possa ser identificado certa dualidade de posicionamento. Afinal, era necessário medir os ânimos – ou interferir na condição desses – da torcida brasileira, tinham de se sentir envolvidos com a competição e de fato estavam. Ao mesmo tempo construir cognitivamente um campo em que os jogadores brasileiros estivessem cientes de suas "responsabilidades" para com a nação ao passo que necessário dosar a carga psicológica que tal "dever" dispunha sobre eles e que poderia afetar em suas performances técnicas

[36] "A lição do contraste: Foi o scratch "B" que soube representar o football brasileiro." *Jornal dos Sports*, 9 de maio de 1950, p. 5.

na execução do jogo. A exemplo disso, destaco trecho de uma das crônicas de Mário Filho:

> A preparação psicológica do scratch brasileiro para o campeonato do mundo vinha sendo encaminhada da pior forma. Era do interesse de outros candidatos ao titulo colocar o Brasil como favorito absoluto do campeonato do mundo. [...] O favoritismo do Brasil exigia um maior preparo dos candidatos ao titulo. Estimulando-os ao esforço total. Enquanto isso o football brasileiro seria embalado pelo favoritismo que lhe adoçava a vaidade. Os que, aqui, procuravam reagir contra essa pressuposição falsa de que o Brasil estava em melhores condições do que qualquer outro concorrente para conquistar o campeonato do mundo, eram tidos como derrotistas, como assustadiços. Criava força a legenda, boa a todos os ouvidos brasileiros, que proclamava o football brasileiro como o melhor do mundo. Antes do campeonato do mundo. *Jornal dos Sports*, 21 de abril de 1950, p. 5.

"A derrota do Pacaembú foi uma lição. E uma lição não só para os jogadores como para os torcedores. Nem os jogadores nem os torcedores estavam preparados para a derrota."[37] O entendimento era de que ninguém tinha o direito de iludir-se sobre a dificuldade que seria a copa do mundo e se o fizesse poderia estar jogando contra a própria seleção, era um fator psicológico que Mario Filho via influenciar de má forma no desempenho do jogador brasileiro.

A segunda circunstância citada no desenvolvimento desse subtítulo tem particular significado para o *football* brasileiro, afinal, as três primeiras edições da Copa Jules Rimet – Copa do Mundo –, acabariam para o Brasil através dos seguintes confrontos, respectivamente: "Iugoslavia (mil novecentos e trinta), Espanha (mil novecentos e trinta e quatro), e Italia (mil novecentos e trinta e oito). Imagina se a sorte designar as três para nos desfrontar!"[38] Antes de temor, as lembranças tinham função de alertar a equipe brasileira, de evidenciar ao torcedor as dificuldades que aguardariam a disputa do campeonato e assim reforçar a perspectiva de que era mais interessante ao time brasileiro entender que enfrentaria sérias dificuldades e por isso era fundamental dedicar-se aos esforços máximos do que se deixar influenciar por um pensamento arrogante de superioridade inquestionável sobre seus adversários.

Como exemplo do que foram as experiências com as partidas jogadas contra o Uruguai, assim como toda a preparação física realizada durante o período de preparação

---

[37] "Uma justiça que se precisa fazer aos brasileiros: foi uma grande vitória." *Jornal dos Sports*, 19 de maio de 1950, p. 5.
[38] "Virão os três vencedores do Brasil." *Jornal dos Sports*, 12 de abril de 1940, p. 5.

da equipe e a iniciativa tomada de convidar o árbitro inglês Mr. Reader para um intercâmbio com os jogadores brasileiros, temos mais um exemplo de tentativa efetiva de preparar da melhor maneira os jogadores brasileiros, uma vez que para Mário Filho a participação do Brasil na copa do mundo era entendida, ele afirma, da seguinte maneira:

> O fato do campeonato do mundo ser disputado no Brasil se de uma parte oferece ao football brasileiro uma oportunidade única pela vantagem de campo e de público, por outra lhe aumenta tremendamente a responsabilidade. [...] Derrotado o Brasil não poderá dizer nada pois fora da superioridade técnica todas as outras vantagens serão suas. Dai a responsabilidade imensa do football brasileiro no campeonato do mundo. *Jornal dos Sports*, 21 de abril de 1950, p. 5.

O cenário a poucos meses da copa do mundo, segundo o que pode ser lido nas colunas do *Jornal dos Sports*, era de entender que havia de ter atenção total da seleção brasileira para disputar o campeonato. As pautas levantadas não permitiam que brechas fossem deixadas e que todas as alternativas que pudessem levar o Brasil próximo ao fracasso deveriam ser ao menos abordadas: as regras do jogo entendidas pelos árbitros europeus tinham de ser assimiladas; a preparação física e mental era de fundamental importância; as competições e partidas jogadas eram terreno fértil de experiências proveitosas vindas das derrotas e vitórias. Diante de tantas prerrogativas necessárias talvez seja possível identificar, dada a quantidade de advertências, certo temor, afinal os agentes dos enunciados que eram descritos sobre a copa são sujeitos intimamente ligados com o desejo e a competitividade desperta quando em jogo a imagem da nação a qual eles pertencem. É característico do discurso nacionalista trazer consigo parcialidade e sentimento em sua construção.

Nação e identidade nacional

Quando desloco os conceitos de nação e identidade nacional para dentro do texto em passagens anteriores, dialogo com conceitos que podem ser entendidos, de certa forma, como constructos de um agitado século XIX e que perduram ainda na contemporaneidade. A dissolução dos impérios europeus no século XIX abre espaço para os novos Estado-nação que surgem em resposta aos processos do período moderno. A tentativa aqui proposta é de apresentar os conceitos de forma textualmente deslocada, a tomada dessa iniciativa se justifica, quando o objetivo era apresentar parte das crônicas sem antes o leitor ter sua interpretação já absolutamente orientada pelos significados dos conceitos trabalhados, de forma que tenha sido perceptível – em minhas articulações e

principalmente nas citações destacadas do periódico – os elementos que compõem discursos nacionalistas e que adiante serão tomados de explicação aprofundada.

Os acelerados processos da modernidade, ou seu estado efêmero, é palco de rupturas e novas assimilações constantes. Diante de um determinado estado de caos social e político, a nação surge como um fator de estabilidade através da formulação de discursos nacional identitários. "Esses discursos tornaram-se parte do cotidiano de forma que passaram a ser a principal fonte de identidade cultural na modernidade". (HALL, 2006, p.47, *apud*., MORENO 2014, p. 11) As ideias a respeito de nação e identidade nacional vêm sendo debatidas pelas Ciências Sociais por um longo período, nesse percurso historiadores do campo da História Social também não mediram esforços ao falar sobre. Segundo Ernest Renan, a nação não seria fruto da raça, da religião, da língua, da geografia, nem das necessidades militares. "Ela seria procedente, isto sim, de uma vontade comum no presente, do esquecimento da violência originária de todas as nações e da valorização de uma glória comum, herança do passado." (MORENO, 2014, p. 14)[39] Logo, para Ernest, a nação é fruto do que determinado coletivo sobre um mesmo território e um mesmo teto político-social faz quando se apropria de elementos do passado que ainda se deslocam pelo imaginário social do presente transformando-os num consenso de significados identitários para a grande maioria dos que fazem parte desse coletivo. O antropólogo Marcel Mauss, pensa a nação próxima a concepção de Ernest Renan, segundo ele "a nação assemelha-se aos discursos sociais nacionalistas, que se estabeleceram a partir do século XIX, ressaltando a unidade moral dos indivíduos que a compõem", (MORENO, 2014, p. 14) ou seja, a partir de estabelecida, a nação é quem cria a ideia de raça e muitas de suas tradições.

Hobsbawm (1991) e Benedict Anderson (2008) também agregam contribuições a respeito de nação e nacionalismo. Hobsbawm (1991) contra argumenta o discurso de que a língua, etnicidade e a religião são essencialmente elementos pré-formadores da nação, para ele há um "Estado administrativo moderno, mobilizador e influenciador dos cidadãos, e a democratização da política são os fatores essenciais na formação das nações modernas." (MORENO, 2014, p. 17) Hobsbawm (1991) ainda salienta que os estados e os nacionalismos são os fundadores da nação, e não o oposto, isso ocorre através das

[39] MORENO, JC. Revisitando o conceito de identidade nacional. In: RODRIGUES, CC., LUCA, TR., and GUIMARÃES, V., orgs. *Identidades brasileiras: composições e recomposições* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014, p. 14

invenções e das engenharias sociais que se instituem as formações das nações. Anderson, por sua vez, ao analisar a formação da nação observa o ponto fundamental que tem os meios de comunicação para os discursos do nacionalismo:

> [...] nas políticas de "construção da nação" dos novos Estados, vemos [...] um autêntico entusiasmo nacionalista popular ao lado de uma instilação sistemática, e até maquiavélica da ideologia nacionalista através dos meios de comunicação de massa, do sistema educacional, das regulamentações administrativas, e assim por diante. (ANDERSON, 2008, p.164)

Anderson entende a nação como "'cruzamento' complexo de diferentes forças históricas" (ANDERSON, 2008, p.30). Parte do entendimento sobre esse fenômeno passa por compreender o papel do desenvolvimento da imprensa como mercadoria, o que ele vai chamar de "capitalismo editorial". Vejamos, a perspectiva proposta por Benedict Anderson viabiliza uma noção de que os ideais de nacionalismo e sua dissolução nas sociedades se forjam a partir de mecanismos de poder, aqueles que possuem o controle das comunicações e a produção dessas estão, em grandes maiorias, num grupo socialmente elitizado. Hobsbawm, no continuo de sua análise sobre nação e nacionalismo, destaca que ambas são fenômenos constituídos pela elite social, mas que não se deve negligenciar e nem deixarem de ser analisadas de baixo, ou seja, "em termos das suposições, esperanças, necessidades, aspirações e interesses das pessoas comuns, as quais não são necessariamente nacionais e menos ainda nacionalistas". (HOBSBAWM, 1991, p.20)

Antes de partir para outras questões, poderia dizer, portanto, que Estado e Nação são enunciados que agem sobre si e se usam para legitimar suas ações e significados, não seria um equívoco compreender que na modernidade houvera um agenciamento da cultura e da política a fim de torna-las congruentes e isso se fez, de fato. Quando implico dizer que a cultura se torna ferramenta desses enunciados, quando não motor para a criação de ideias nacionalistas, volto a visar o agenciamento do enunciado da copa do mundo no Brasil em 1950. Quando uso o termo agenciamento quero ir contra a ideia de que os discursos nacionalistas são paulatinamente inventados e manipulados, não, são articulados com elementos pré-existentes na sociedade, seja em fatos passados ou em elementos do presente. A copa do mundo por si já caracterizava uma competição entre nações, a concepção de que se é melhor que o outro, após vencer sobre ele é característica inata de uma competição e, nessa disputa, estava em jogo, como observado nas crônicas já citadas, a representatividade do Brasil e do brasileiro frente ao mundo, era o momento

de afirmação do futebol como um símbolo de orgulho nacional, das capacidades naturais do homem brasileiro. Não à toa até mesmo o estádio do Maracanã seria endosso desse discurso presente no *Jornal dos Sports*.

Mário Filho, como já foi apontado, era um jornalista que evidentemente tinha paixão por futebol, sua competência enquanto jornalista e seu afeto pelo esporte fizeram dele um nome significativo para o jornalismo esportivo. O contexto histórico e seus discursos e os aspectos culturais que alcançavam a esfera política e econômica, a partir da competição haviam sido selecionados como um campo de agenciamento dos discursos produzidos nas páginas dos *Jornais dos Sports*. O futebol já havia se tornado popular no ano de 1950, o trabalho de Leonardo Pereira (2000)[40], que contempla até quase duas décadas antes, destaca tal afirmação. "É dessa maneira – através de reconstruções e bricolagens – que os discursos identitários que fundamentam a nação, estruturam-se sobre a "recombinação de elementos pré-existentes" (SMITH, 2000, p. 207, *apud.,* MORENO, 2014, p. 21). O calor da competição adiciona o apelo que constitui as crônicas esportivas analisadas e essas só se constituíram a partir da tomada de iniciativa desses escritores, é justamente entre essa parte da camada letrada, "capaz de – e disposta a – produzir representações escritas (ou iconográficas), que se encontra certo sentido de missão (autoatribuído) para instituir, despertar ou resgatar a identidade nacional." (MORENO, 2014, p. 21)[41]

Quando perceptível nos discursos das crônicas o teor emotivo, justifica-se através das condições pré-dispostas dos discursos nacionalistas, Anderson (2008) já afirmava que as nações são portadoras de uma legitimidade muito forte que conduz a um apego emocional profundo. Os discursos são produzidos a partir da combinação de elementos culturais que estão enraizados sobre os sentidos do racional, emocional, das aspirações e sentimentos coletivos como: medo, esperança etc. O fim almejado e o público ao qual esses discursos se direcionam lidam com todos esses signos, portanto não há como isolar esses sentidos na produção do discurso. A parcialidade e as intenções pré-dispostas do criador do enunciado fomentam o campo de construção da identidade nacional, essa que pode ser entendida como uma categoria social discursivamente construída, se

---

[40] PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania:* Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

[41] MORENO, JC. Revisitando o conceito de identidade nacional. In: RODRIGUES, CC., LUCA, TR., and GUIMARÃES, V., orgs. *Identidades brasileiras: composições e recomposições* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014, p. 21.

manifestando através de linguagens: escritas, imagéticas, corporais, midiáticas. Ela carece de uma produção de discurso que seja portador de signos de identificação significativos, capazes de organizar diferenças e produzir algo simbolicamente reconhecível no(s) – e para o(s) – indivíduo(s) e no coletivo social.

Adiante continuarei a trazer as crônicas produzidas pelo *Jornal dos Sports*, – centrando principalmente nas crônicas de Mário Filho, porém, sem descartar outros textos produzidos pelo periódico –, agora já escritas no contexto em que a competição já havia de fato começado. Os discursos nacionalistas ainda se fazem presentes, o que veremos adiante é a forma como são articulados diante de cada jogo que fora disputado pela seleção brasileira durante a competição e os resultados que se sucedem após cada partida em relação ao futuro almejado para a nação. Mário Filho interpretava o início da competição da seguinte forma:

> O que há, sobretudo, é a proximidade do campeonato do mundo. Mais, inclusive, do que a proximidade: a presença. E' o que cada um de nós sente: a presença do campeonato do mundo. E se isso perturba o homem comum que se encontra, subitamente, diante de um acontecimento que nunca viu e que talvez não veja mais, é fácil avaliar a perturbação de quem vai ser personagem direto desse acontecimento. Do jogador que defenderá em campo as esperanças de quarenta milhões de brasileiros. *Jornal dos Sports*, 22 de junho de 1950, p. 5.

A ansiedade pelo início do torneio fora enfim alcançada, a última crônica publicada por Mário Filho antes do início da competição nos condicionaria a possibilidade de compreender as expectativas de um sujeito que, assim como muitos, aguardava o dia de estreia do torneio.

CAPÍTULO III

Construindo os discursos através dos jogos: as partidas e as crônicas produzidas por Mário Rodrigues Filho ao longo da competição, de uma expectativa fremente a decepção amarga.

O presente capítulo objetiva analisar as crônicas redigidas pelo diretor e escritor do *Jornal dos Sports*, Mário Rodrigues Filho. O que se sucederá no esboço é entender como eu trabalho com os discursos produzidos pelas crônicas, de forma que seja possível analisarmos os contextos dos jogos disputados, pondo em xeque os sentidos selecionados por Mário Filho na produção de seus enunciados, colocando sua narrativa em perspectiva dos métodos historiográficos afim de compreender o desfecho da competição através de suas crônicas.

Análise do discurso

O conceito de discurso ao qual me refiro no corpo desse texto aproxima-se da concepção de Foucault em *A Ordem do Discurso*. Ele não está ali para explicar a origem do discurso, mas sim como esse discurso se organiza e se manifesta e quais os frutos que são gerados a partir dele. Foucault vai falar sobre um discurso em domínio dos mecanismos de poder, mecanismos estes que possuem controle sobre os corpos. Para Foucault, o conceito de discurso seria o ato de: falar, transmitir, manter e articular ideias em diversos campos simbólicos: escrita, fala, etc. A instância ao qual Foucault alça o discurso não é aqui pretendida por mim, ele eleva o discurso ao campo da política e da violência sobre os corpos, não somente no sentido material como imaterial. Mesmo entendendo que a imprensa age na sociedade como um agente político, identifico que minha abordagem é por via de seus sentidos menos ligada a essa condição de discurso e poder de Foucault. Uma vez que a violência gerada sobre os corpos a partir dos discursos produzidos por Mário Filho e o periódico apropriando-se dos sentidos do futebol não se manifestam sobre os indivíduos de forma esmagadora, mesmo que esses discursos causem comoção a partir da crença no êxito e na exaltação da nação ao qual esse indivíduo pertence.

Segundo Norman Fairclough[42], Foucault insiste na concepção de que o sujeito é efeito dos discursos, o que condiciona a uma concepção estruturalista das manifestações sociais, excluindo a agência social sobre sentidos significativos, para Fairclough "isso é insatisfatório" (FAIRCLOUGH, 2011, p. 70) uma vez que há discursos que procedem dos sentidos, como por exemplo se constituem as crônicas de Mário Filho jogo após jogo. O empate no jogo do Brasil diante da Suíça que será citado adiante torna-se palco para um discurso de terra-arrasada para o futebol brasileiro. Já a exponencial vitória sobre a Suécia, por exemplo, também citada adiante, eclodirá de sentidos que motivarão o autor já pré-disposto a fazer, constituir um discurso que exalta por demasiado a prática do futebol executada pelos jogadores brasileiros.

A variação no uso da linguagem apresentada por Mário Filho que constitui as crônicas como as exemplificadas acima e que serão expostas mais adiante, são elemento de análise fundamental para o entendimento da formação e da intencionalidade dos discursos: "a variação no uso da linguagem é sistemática e acessível ao estudo científico

[42] FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora UnB, 2001, p. 70.

e que aquilo que o torna sistemático é sua correlação com variáveis sociais" (FAIRCLOUGH, 2011, p. 90). A linguagem varia de acordo com a natureza dos que participam dos acontecimentos, dos tipos de acontecimento e dos fins almejados. Entendo que Mário Filho e *o Jornal dos Sports* não fizeram ou farão mudanças bruscas nas linguagens de suas narrativas, ao contrário, a romantização ou dramatização a partir dos acontecimentos mantem-se constante, contudo, ainda assim são de fato reféns das variáveis que implicam sobre os sentidos, uma vitória por larga vantagem é observada de maneira diferente a uma vitória com um placar mais apertado e, obviamente, diferente da análise de um empate ou uma derrota.

Foucault vai analisar o discurso e sua ligação com o desejo e o poder, a segunda particularidade não me confere discutir, como afirmado, Foucault dá ao discurso outros sentidos quando relacionados ao poder, interessa-me aqui observar a aproximação entre discurso e desejo: "não há nada de espantoso, visto que o discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo". (FOUCAULT, 2009, p. 10) As crônicas de Mário Filho expõem os desejos do autor, seus anseios, mas também expõe o objeto de seu desejo, o sentimento de orgulho enquanto identificado como um sujeito "homem" brasileiro que viria a se firmar com a vitória da nação brasileira sobre as outras através do futebol.

Ademais, gostaria de nortear algumas ferramentas propostas por Foucault e Fairclough que assim como os métodos citados acima auxiliaram durante a pesquisa. Ei de convir ser necessário mais profundidade para atingir os fins propostos e justificar que: o que até aqui foi indagado e o que ainda será são resultados de estudos categoricamente selecionados e realizados. Adianto que farei de forma sucinta a apresentação desses sistemas metódicos.

Foucault (2009) iria estruturar a análise do discurso, em primeiro lugar viriam os *procedimentos externos* da organização do discurso: primeiro a *interdição*: que pode ser entendido como a percepção dos tabus: o que pode e o que não pode ser falado; em segundo lugar *separação* e *rejeição*: quem pode transmitir e dizer, Foucault chama de *direito privilegiado*, separando em dois campos, o lógico e o ilógico, o lógico é o campo dos sentidos e o ilógico é lugar dos sem sentidos: "O que você fala não vale de nada, você é louco!", essa é minha tentativa de explicação para o que foi dito; e em terceiro o

verdadeiro e o *falso*: o que Foucault vai chamar de *vontade de saber*[43]: coisas que sabemos e são verdadeiros e não sabemos, mas fazem parte do discurso, entendido como ficção pois não são verdadeiros.

Ele articularia também os *procedimentos internos*: em primeiro lugar seriam os princípios da *rarefação* do discurso: quando um comentário ou um comentador articula-se sobre o discurso expondo os seus conceitos, formando outros discursos a partir dos discursos originários; em segundo lugar o *autor* ou *unidade de origem de significações*: o autor que chancela o discurso e o discurso chancela o autor. O autor acaba se confundindo com discurso e vice-versa, como por vezes acabamos por ver e ainda veremos mais adiante nas crônicas de Mário Filho. Por fim e menos fundamental para a pesquisa, a *organização das disciplinas*: controle interno do discurso após processos metódicos de identificação desse discurso, ou seja, se aqui trabalho com discursos esportivos que carregam sentidos e expressões de cunho nacionalistas, eu teria de minunciosamente averiguar e encaixotar esse discurso dentro de uma determinada ciência que pudesse estudar a seu respeito, por exemplo os Estudos Sociais ou as Ciências Humanas, o que pode ser, a partir de determinado discurso, problemático uma vez que se isole a possibilidade de abordagem desses por outras instâncias do conhecimento.

Ademais, poderia continuar aqui, um a um, tentar explicar todas as outras instâncias metódicas de análise do discurso propostas por Foucault, mas como já afirmei, não tenho a intenção nem entendo que seja de fato absolutamente pertinente ao corpo do texto uma vez que eu me desloque demais da questão central que norteia minhas ideias. Para melhor profundidade sobre Michel Foucault e sua abordagem da análise do discurso, recomendaria, visando o entendimento do meu trabalho, a leitura de *A Ordem do Discurso*[44], um livro organizado a partir de um evento acadêmico participado pelo autor no Collège de France, em 2 de dezembro de 1970. Contudo gostaria ainda de enfatizar mais duas condições de análise usadas pelo autor, ao final do texto virei com outras, mas aqui reservo espaço a essas duas: *especificidade* e *acontecimento*, o primeiro resume-se ao seguinte entendimento: reconhecer a ação do discurso sobre as pessoas e as coisas, o discurso possui objetividade; e o segundo: o discurso não é imaterial nem material, porém ele passa pela materialidade para se expor e produzir sentidos. Me vali também dessas

---

[43] Essa prerrogativa fora a qual tive mais dificuldade em assimilar seus sentidos, portanto, indico a leitura da obra de Michel Foucault, *A Ordem do Discurso*, 2009.

[44] FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. Aula Inaugural no Collège de. France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 19.ed. São Paulo: Edições. Loyola, 2009.

percepções ponderando quando necessário para articular minhas ideias e análises diante das crônicas lidas e apresentadas.

Norman Fairclough, além de me instigar a observar o caráter linguístico e semântico dos discursos através de sua referida obra, também influenciou meu olhar sobre o que é o discurso e como ele pode ser observado, para Fairclough "a prática discursiva é constitutiva tanto de maneira convencional como criativa: contribui para reproduzir a sociedade (identidades sociais, relações sociais, sistemas de conhecimento e crenças) como é, mas também contribui para transformá-la", (FAIRCLOUGH, 2001, p. 92) quando identifico e aponto os sentidos que constituem as crônicas de Mário Filho e através delas visualizo seu objetivo, noto a dialética entre a influência do discurso sobre a sociedade e as manifestações da sociedade e dos acontecimentos sobre o discurso:

> É importante que a relação entre discurso e estrutura social seja considerada como dialética para evitar os erros de ênfase indevida; de um lado, na determinação social do discurso e, de outro, na construção do social no discurso. No primeiro caso, o discurso é mero reflexo de uma realidade social mais profunda; no último, o discurso é representado idealizadamente como fonte social. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 92.)

Portanto, há de se ponderar em toda e qualquer análise o peso dessa dialética entre o discurso e a estrutura social. Ao utilizar demasiadamente o conceito de *sentido* me atento a visualizar sua potencial proposta dentro de um texto e o que cabe a interpretação. Digamos que noto uma situação em que o autor dá ênfase sobre ela, produz seu texto a partir daí e eu enquanto comentador e expositor do seu discurso acabo por tomar uma interpretação a respeito lateralizada com meus próprios interesses, esse movimento seria como desaproximar o sentido do autor original do discurso, a fim de significar os sentidos para que possa eu produzir o meu discurso. Os redirecionamentos da pesquisa se fizeram presentes, quando esbarrei nos potenciais significados dos textos e interpretei de maneira que eu estava reduzindo as pluralidades interpretativas que ali existiam, não que não o tenha feito, afinal caminho sobre uma ideia central, mas não divaguei por situações que poderiam existir apenas minimamente.

> Os intérpretes geralmente reduzem essa ambivalência potencial mediante opção por um sentido particular ou um pequeno conjunto de sentidos alternativos. Uma vez que tenhamos em mente a dependência que o sentido tem da interpretação, podemos usar "sentido" tanto para os potenciais das formas como para os sentidos atribuídos na interpretação. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 103)

Por fim, somando-se a todas essas concepções acerca dos estudos sobre os discursos, ainda chamaria atenção para mais uma delas: a escolha pelas palavras na formulação de uma oração, de um texto. Por mais óbvio que possa parecer, mas é meu papel aqui salientar, as palavras e orações são racionalmente organizadas para estabelecerem uma ação sobre os significados. Logo, quando observamos Mário Filho por vezes saudando a construção do Estádio Municipal, o evocando como estrutura mais significativa que belezas naturais como o Pão-de-Açúcar, por exemplo, ou quando a partir dos jogos o cronista enaltece a força que tivera a torcida, adjetivando positivamente esses sujeitos envolvidos nos exemplos, ele está categoricamente articulando a escolha das palavras que formam orações e por fim, suas crônicas. Visando, é claro, elaborar significados profundos, pois assim existe maior probabilidade de o discurso causar algum sentido sobre o sujeito que o consome, gerando assim novos sentidos.

As partidas de futebol e as crônicas de Mário Filho

A data do dia 24 de junho de 1950 marca não somente a estreia da seleção brasileira na competição, como também se trata da abertura do evento: o anfitrião tradicionalmente abre os jogos da copa do mundo. A partida disputada naquela ocasião seria contra a seleção mexicana, segundo o treinador mexicano sua seleção "não tinha grandes aspirações: "viemos para aprender. [...] Isto porem não quer dizer que nos entregaremos. Dentro das nossas possibilidades, vamos lutar com entusiasmo e fibra em busca de um resultado honroso."[45]

Naquela ocasião, Mário Filho iria escrever sua crônica ressaltando a necessidade de entender que era importante para a seleção brasileira iniciar o torneio com vitória. Para o cronista, não se tratava apenas do início do torneio: era a estreia da seleção anfitriã que tanto tinham esperado torcedores e esportistas. Segundo o cronista: "Quem deseja a vitória do Brasil no campeonato do mundo e pode comparecer ao Estadio Municipal, tem de estar presente para fazer sentir ao Scratch brasileiro que não lhe faltará o menor apoio."[46] Mais uma vez Mário Filho ressaltava a necessidade do estimulo psicológico que agregaria aos atletas em campo o apoio vindo das arquibancadas. Ele afirmaria: "todos se sentiam ligados, de uma forma ou de outra, ao destino do Scratch brasileiro"[47]. O autor

[45] "Prometem os mexicanos honrar a grande festa", *Jornal dos Sports*, 24 de junho de 1950, p. 1-6.
[46] "A importância do match de hoje para a campanha do Scratch brasileiro." *Jornal dos Sports*, 24 de junho de 1950, p.9.
[47] "*Ibidem* 1950, p.9.

continuaria a discorrer àquela altura pontuando o "dia d", expressão que já teria ganhando destaque nas páginas do periódico, a realidade da competição se fazia tão presente quanto de fato era e a partir de sua materialidade os jogadores brasileiros não tinham mais de sentir medo, para Mário Filho, tinham de dar tudo pela vitória. Aqui ele iria explorar a dimensão do pertencimento a uma nação e a força que essa, quando ciente de suas capacidades, pode gerar a favor dela mesma.

Por fim, ao término daquela crônica ele salientaria que os jogadores esperavam não menos da torcida brasileira o que tinham feito os italianos que residiam em São Paulo e teriam esgotado os ingressos do Pacaembu em partida que seria disputada pela seleção italiana, entendiam os jogadores brasileiros o peso sobre o campo que teria o apoio vindo das arquibancadas. Pedro Nunes ainda destacaria em sua coluna aquilo que anteriormente salientei como discurso nacionalista: "o enrêdo é o mesmo: colocar bem alto o nome do Brasil. [...] Daí essa expectativa ansiosa de quarenta milhões dependendo de onze, o que nos faz parodiar o velho Churchill: "Nunca tão poucos fizeram tanto por tantos...".[48] Outros cronistas do periódico também se mostram alinhados com as ênfases de Mário Filho, como observado acima.

Figura 3 - O primeiro jogo da competição.

SEGUNDA RODADA DA "COPA DO MUNDO": INGLATERRA X CHILE. NO RIO: ESPANHA X ESTADOS UNIDOS, EM CURITIBA; ITALIA X SUECIA EM SÃO PAULO; E, FINALMENTE, IUGOSLAVIA X SUIÇA, EM B. HORIZONTE

DESPONTOU A SELEÇÃO BRASILEIRA VENCENDO DE 4 x 0

Fonte: *Jornal dos Sports*, 25 de junho de 1950, p. 1.

Assim era estampado na capa do jornal que saíra na manhã do dia 25 de junho. O Brasil havia vencido por um largo placar e convencido o público que teria comparecido no Estadio Municipal, palco daquela partida. Mário Filho estamparia logo a baixo da imagem acima o título de sua crônica que terminaria por ser escrita na quarta página

[48] "Bolas na Lagoa...onze por quarenta milhões...", *Jornal dos Sports*, 24 de junho de 1950, p. 9.

daquela edição: "A vitória, arma de confiança para o Scratch."[49], Rodrigues pautaria sua crônica sobre o foco do estádio municipal, dos principais personagens brasileiros e da própria vitória conquistada.

> Tudo saiu de acordo com as melhores expectativas. Havia gente que pensava que o Estadio não encheria e o Estadio encheu. Os claros ficaram apenas nas cadeiras numeradas. Havia gente que além de ter medo que o Estadio não enchesse – cada torcedor assumira consigo mesmo o compromisso de encher o Estadio – tinha medo de que o jogo não começasse na hora. [...] O jogo começou às três horas em ponto. [...] Eram dois sonhos que se contemplavam no mesmo instante: o Estadio Municipal e o campeonato do mundo. *Jornal dos Sports*, 25 de junho de 1950, p. 4.

A lotação do estádio que demonstraria a força das arquibancadas era a cargo dos torcedores, no campo teriam de resolver os jogadores aquela partida e assim o fizeram. Segundo Mário Rodrigues Filho, estiveram em destaque dois jogadores: Jair e Ademir. "Os brasileiros dominaram os dois tempos. Só encontraram resistência da bravura mexicana. Os mexicanos lutaram até o fim, sem esmoecer."[50] A partida trouxe aos jogadores brasileiros certo grau de nervosismo, destaca o cronista, quando o placar já marcava os quatro a zero teria ampliado se não fosse o nervosismo do ataque brasileiro. "Dos atacantes brasileiros com exceção de Jair, sem dúvida o maior homem em campo, e Ademir."[51] Teriam os dois atletas brasileiros salvado a ótima atuação brasileira dum amargo placar sem gols que se sustentaria sobre o argumento dum certo nervosismo manifestado pelos outros jogadores que compunham o ataque daquela seleção, como Baltazar e Friaça, por exemplo. A atuação da seleção brasileira, como já citado, rendeu ao Brasil a tão esperada vitória, a estreia que mexia com os ânimos e a ansiedade dos torcedores, jogadores e evidentemente de Mário Rodrigues estava, portanto, sacramentada. "O que faltava ao Scratch brasileiro era esse contacto com a realidade do campeonato do mundo."[52]

> Não se viu tudo – ainda bem longe disso – que pode dar o Scratch brasileiro. Mas se sentiu que o Scratch brasileiro tomou um impulso. [...] O primeiro obstáculo foi transposto. Virão outros maiores, cada vez maiores. A fase de pavor passou. Ficou apenas a compreensão das dificuldades que terão de ser superadas. *Jornal dos Sports*, 25 de junho de 1950, p. 4.

---

[49] "A vitória, arma de confiança para o Scratch.", *Jornal dos Sports*, 25 de junho de 1950, p. 1-4.
[50] "A vitória, arma de confiança para o Scratch.", *Jornal dos Sports*, 25 de junho de 1950, p. 4.
[51] *Ibidem,* 1950, p. 4.
[52] *Ibidem,* 1950, p. 4.

O seguinte compromisso em campo da seleção brasileira seria jogado diante da Suíça no estádio do Pacaembu na cidade de São Paulo. A Suíça que compunha o Grupo "A" ao qual pertenciam Brasil, México e Iugoslávia havia perdido seu primeiro jogo por três a zero diante da respectiva Iugoslávia. A vitória deixaria o Brasil a um empate da vaga já na próxima fase da competição num terceiro jogo que seria disputado contra a Iugoslávia, personagem antigo na trajetória brasileira em copas. A partida fora jogada no dia 28 de junho, na manhã seguinte o *Jornal dos Sports* estampava:

Figura 4 - O empate em jogo ante os suíços.

ESBARRAMOS ANTE OS SUIÇOS: UM GRITO DE ALERTA PARA OS PRÓXIMOS COMPROMISSOS

2 X 2 DENTRO DE UM DRAMA DE 90 MINUTOS!

NOSSO SCRATCH ASSEDIOU O TERRENO CONTRARIO MAS NÃO PÔDE ENCONTRAR O SCORE DA VITORIA

2x1, Para Os Brasileiros, No Primeiro Tempo, E Empate Nos Ultimos Minutos

SÃO PAULO, 28 — (Do Serviço Especial de JORNAL DOS SPORTS) — O estadio Municipal do Pacaembu está inteiramente lotado. O ambiente é de entusiasmo em face da apoteose do início da peleja. Aparecem os crocks brasileiros dentro do gramado que são recebidos com extraordinario entusiasmo. Surgem em seguida os suiços. Tambem entusiasticamente aclamados. Os dois quadros formam para a luta assim constituidos:

BRASILEIROS: — Barbosa — Augusto e Juvenal — Bauer — Rui e Noronha — Alfredo — Maurea — Baltazar — Ademir e Friaça.

SUIÇOS: — Stuber — Neuprel e Broketa — Lanetti — Eglinton e Quelle — Bichel — Antenatti — Tomund — Bader e Patoli.

(Conclue na página 6)

HOJE, EM PROSSEGUIMENTO DA «COPA DO MUNDO»

Espanha x Chile -- Nesta Capital
Suecia x Paraguai -- Curitiba
Inglaterra x E.E.U.U. -- B. Horizonte

NO VESTIARIO O RETRATO DA TRAGEDIA DA CANCHA

Desolação Geral — Flavio Reconhece Que Houve Muitos Erros — Impõe-Se A Reabilitação No Próximo Compromisso

Fonte: *Jornal dos Sports*, 29 de junho de 1950, capa.

"Faltou tudo ao Scratch brasileiro: principalmente espírito de luta.", com a autoria de Mário Rodrigues Filho era esse o título que apareceria no meio da capa da edição lançada no dia após o jogo ante os suíços. O título consiste de uma afirmativa profunda, o cronista não deixa margens para dúvidas a partir de sua interpretação do jogo: faltou tudo àquele time que tivera entrado em campo. Seria cabível imaginar uma derrota da seleção a partir do título redigido, contudo, o jogo teria acabado empatado num placar de dois a dois. Naquela crônica escrita por Mário Filho se destacaria a descrição da partida, a enfática afirmação de que tivera faltado "luta" no comportamento dos atletas e o entendimento de que a concepção de uma vitória fácil seria possível contra os suíços teria atrapalhado o desempenho da equipe. Ele toma os sentidos gerados a partir do empate para produzir uma afirmação que excluía os outros sentidos presentes no acontecimento, como por exemplo a boa atuação da equipe no setor ofensivo que ia contra a concepção de ter "faltado tudo".

> Os suíços atacaram pouco. No segundo apenas foram seis vezes à área brasileira enquanto os brasileiros chegaram a ir trinta e seis vezes à área suíça. O contraste serve para mostrar a falta de senso prático do Scratch

> brasileiro. Não se compreende que o Scratch brasileiro terminando um primeiro tempo de dois a um não modificasse o seu sistema de ataque. O seu sistema de ataque em grande parte orientado pelos suíços. [...] No segundo tempo, inclusive, os erros do primeiro tempo se ampliaram porque sendo maior o domínio os brasileiros se deixaram adormecer na ilusão de uma vitória senão fácil pelo menos mais do que garantida. Quando os suíços empataram num contra-ataque os brasileiros perseguiram o goal do triunfo com um ímpeto que seria infalível se houvesse tempo. *Jornal dos Sports*, 29 de junho de 1950, p. 6.

A distância da carga que estava atribuída a partida frente aos suíços da atmosfera gerada em torno da partida de estreia se faz notável quando defrontada as duas narrativas em foco na produção textual do cronista. No jogo diante do México as pautas rodearam o fator de estreia, a importância do calor do público e as dimensões do Estádio Municipal, o desempenho técnico que segundo as descrições dos dois jogos são semelhantes reservou espaço na narrativa da primeira partida para a construção de heróis: Ademir e Jair foram os selecionados àquela altura. Contudo, quando o resultado é o objeto fundamental da análise do cronista, de fato não importa os números que evidenciam uma boa atuação da equipe brasileira, se houvera tido domínio na primeira etapa da partida e esse domínio havia se ampliado na segunda etapa, não há como dizer que tinha faltado tudo à equipe. Ademais, o escritor continuaria a produção do seu discurso em direção ao que teria significado aquele empate entre as duas equipes e não obstante já vislumbrava o próximo confronto da seleção brasileira:

> Foi uma dura lição. Uma amarga lição. Num campeonato do mundo um team não pode entrar em campo certo da vitória fácil. O que sucedeu com a Italia contra a Suecia, o que sucedeu com o Brasil contra a Suiça [....] Para os suíços foi uma vitoria. Os jogadores suíços, acabado o match, pareciam que tinham conquistado uma grande vitória. Empregaram uma tática que deu certo contra um dos favoritos da "Copa do Mundo". [...] Os brasileiros é que sentiram o empate como uma derrota. Muitos torcedores, inclusive, exagerando, considerando o empate uma derrota irremediável. O empate aumentou a responsabilidade do scratch brasileiro, que terá de vencer a Iugoslavia para continuar a aspirar ao título. *Jornal dos Sports*, 29 de junho de 1950, p. 6.

Enquanto produtor de enunciados, Mário Filho usa dos sentidos gerados através do jogo como condutores para sua construção do discurso, absolutamente semelhante à produção das narrativas historiográficas, cabe destacar, portanto, que a direção em que segue os sentidos da sua produção textual catalisam o leitor de suas crônicas, principalmente aqueles que estiveram mais distantes de outras formas de aproximação com o jogo a linha interpretativa que caminha sobre duas perspectivas: ou está tudo ótimo ou muito ruim, não há ponderação efetiva, quando os argumentos que sustentariam uma

análise mais branda do desempenho da equipe na partida aparecem quase que de forma irrisória dentro das crônicas. Entretanto, vejamos, não há somente Mário Filho produzindo crônicas e textos a respeito dos jogos – ele é de fato o mais famoso dos redatores esportistas do período –, mas dentro do *Jornal dos Sports* existem outros redatores e colunas dispostas, assim como há outros periódicos produzindo sobre a copa do mundo, me detenho a dizer, sendo assim, que a construção textual de Mário Filho irá conduzir seus próprios enunciados na direção de dois polos: ou tudo ou nada.

A partida contra a Iugoslávia estava rodeada de elementos para a construção dum drama narrativo frente ao jogo que seria disputado, no capítulo dois destaquei que uma das pautas levantadas pelo periódico era o fator de estarem presentes as equipes que eliminaram a seleção brasileira nas copas anteriores, dentre elas a Iugoslávia. Somado a esse fator a Iugoslávia teria batido a Suíça na primeira rodada de jogos do grupo, a mesma Suíça que o Brasil havia empatado – mesmo com amplo domínio do jogo por parte da seleção brasileira, vale relembrar. Na edição lançada no dia do jogo, naquele primeiro de julho de 1950, a quinta página do jornal deixaria claro através dos títulos estampados a importância do jogo que estava por vir:

Figura 5 - "O dia D, hora H".

DIA D, HORA H

ESPORTE É VIDA

A HORA DECISIVA PARA AS ESPERANÇAS BRASILEIRAS

UNAMO-NOS TODOS PELO BRASIL

A Italia, Detentora Do Titulo Eliminada Do Campeonato Mundial

Vargas Netto

ESTA NA HORA...

A HORA DA DECISÃO

Fonte: *Jornal dos Sports*, 1 de julho de 1950, p. 5.

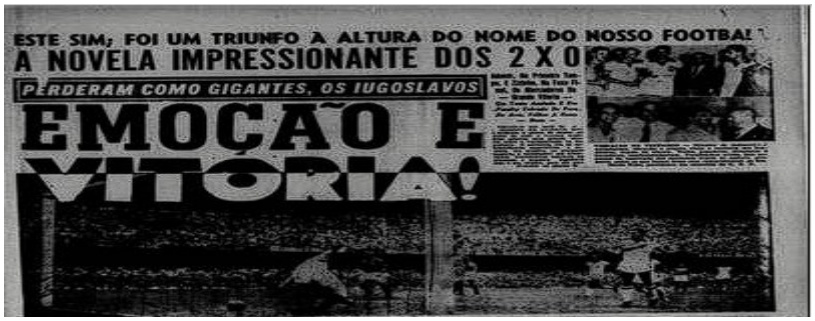
Ao ler somente os títulos, é possível constatar a dimensão da partida do dia, contudo, nos interessa analisar a crônica de Rodrigues e suas expectativas para o confronto e, segundo ele, não poderia faltar ao Brasil a "vontade de vencer" – obviamente havia essa vontade –, tinham os atletas brasileiros de entrar em campo levando sua técnica, sua condição física e seu orgulho enquanto defensor das cores do Brasil. Esse

orgulho ou espírito de desejo de vencer "foi o que faltou aos brasileiros, contra a Suiça. Foi o que faltou aos ingleses contra os Estados Unidos. Foi o que faltou aos italianos contra a Suecia".[53] Àquela altura os grandes favoritos ao título da competição, segundo os periódicos, todos haviam tido maus resultados, com exceção de Brasil e Inglaterra, a Itália já não tinha mais chances de títulos. Nesse sentido, segundo a crônica, o "Brasil foi o menos atingido dos três. Não perdeu as esperanças de conquistar o titulo como a Italia."[54] Assim, portanto, se desenhava o desfecho daquela crônica e as expectativas para o jogo:

> O football brasileiro precisa de uma vitória hoje. Só vencendo é que o Brasil poderá conquistar o campeonato do mundo. A necessidade de vitória é que criou essa expectativa que nunca houve em torno de nenhum match no Brasil. Tal expectativa mostra o empenho do público em apoiar o Scratch brasileiro, em ajuda-lo a vencer. Não haverá hoje a tarde lugar vazio no Estádio Municipal. Mais de cento e cinquenta mil espectadores [...] E' como se fosse disputada a final do campeonato do mundo. E' o prestigio do football brasileiro que está em jogo. *Jornal dos Sports*, 1 de julho de 1950, p. 8.

A edição lançada no dia seguinte ao jogo que de acordo com o que foi dito e destacado na citação acima tratava-se de uma partida de fundamental importância teria, como era de se esperar, títulos e crônicas esportivas proporcionais a expectativa gerada frente a partida, e assim se fez, valendo destacar parte da capa daquele número publicado:

Figura 6 - A batalha contra os iugoslavos.


ESTE SIM; FOI UM TRIUNFO À ALTURA DO NOME DO NOSSO FOOTBAL
A NOVELA IMPRESSIONANTE DOS 2 X 0
PERDERAM COMO GIGANTES, OS IUGOSLAVOS
EMOÇÃO E
VITÓRIA!

Fonte: *Jornal dos Sports*, 2 de julho de 1950, capa.

A crônica escrita por Mário Filho iria passar pelo papel que tivera o Estádio Municipal em influenciar o jogo da equipe brasileira, indo adiante na direção da exaltação do trabalho realizado pela equipe até as glórias do triunfo, contudo, ele iniciaria aquela crônica falando ainda sobre o empate frente aos suíços e destacando o que foi argumentado frente ao discurso que é produzido sobre os sentidos tirados daquele jogo,

[53] "A hora decisiva para as esperanças brasileiras." *Jornal dos Sports*, 1 de julho de 1950, p. 5.
[54] *Ibidem,* 1950, p. 5.

sendo nevrálgico naquela ocasião o placar final, dispensando parte do contexto de seu acontecimento, vejamos:

> Agora eu abrençôo o desastre do Pacaembú. Imagina-se uma vitoria fácil contra a Suiça. Mesmo uma simples vitoria: os dois a um se conservando no placar até o fim. O triunfo apagaria todas as restrições que durante a partida mereceu o scratch brasileiro. Tudo seria esquecido diante da vitória. Por isso abençôo o empate que deu o grito de alarme. *Jornal dos Sports*, 2 de julho de 1950, p. 1.

Sendo assim, o empate contra os suíços pode ser incrementado como recurso para a vitória sobre os iugoslavos, vitória essa que teria garantido a seleção brasileira nas fases finais da competição. Antes da bola rolar, teria o prefeito do Rio de Janeiro se dirigido aos jogadores brasileiros da seguinte maneira: "jogadores do Brasil a batalha do Campeonato do Mundo se compunha de duas partes. A primeira: a construção do Estadio, e ela aí está. A segunda: a vitória do Brasil no campeonato. O Governo Municipal, na parte que lhe competia, cumpriu com seu dever."[55] Mário Filho e Angelo Mendes de Morais estavam alinhados, o prefeito e dito o tal general do Estádio Municipal tinha espaço dentro das crônicas de Mário Filho e das páginas do *Jornal dos Sports*, muito ao fato de sua disposição para a realização da obra inegavelmente desejada por Rodrigues. As falas de Mendes de Morais se apropriam dos sentidos materiais, ou seja, da construção do estádio para afirmar sua posição enquanto bem feitor e governante, mas também para responsabilizar os jogadores de suas atribuições. Quando voltamos novamente à crônica de Mário Filho, voltemos as glórias ditas por ele advindas da vitória:

> Foi uma vitória perfeita e merecida. [...] E os cento e setenta mil – ou oitenta? – lenços que saudaram a vitória saudavam mais do que uma vitória [...] O Scratch pagava uma dúvida com a torcida, a torcida pagava uma divida com o Scratch. [...] O scratch merecera aquela apoteose, o público merecera aquele Estadio. O Estadio fora construído para viver momentos assim, para ser o maior e o melhor cenário para as grandes vitorias do football brasileiro. *Jornal dos Sports*, 2 de julho de 1950, p. 8.

O Brasil, por sua vez, exorcizava um fantasma do passado, a Iugoslávia que em 1930 havia eliminado a seleção brasileira agora estava fora da competição. O Brasil teria pela frente naquela ocasião uma seleção sueca que durante a fase de grupos teria surpreendido a última campeã mundial Itália, em jogo no Pacaembu na cidade de São Paulo, num placar de três a dois, favorável aos suecos. Brasil, Espanha, Uruguai e Suécia, estas eram as equipes que jogariam um quadrangular final, aquele que após 3 jogos

---

[55] "O incentivo do prefeito aos cracks brasileiros". *Jornal dos Sports*, 2 de julho de 1950, p. 3.

obtivesse os melhores resultados levaria o título de campeão da taça Jules Rimet. "E' preciso pensar na Suecia antes de pensar na Espanha ou no Uruguai. A Espanha e o Uruguai virão depois"[56]. Mário Filho destaca que cada jogo deveria ser pensado exclusivamente nele mesmo e na busca por um resultado positivo dentro daquela partida, sem pensar no confronto seguinte que seria diante da Espanha e por último contra o Uruguai.

Os periódicos lançados entre as datas do último jogo contra a Iugoslávia e a partida que seria disputada com a Suécia reservaram nas crônicas de Mário Rodrigues o lugar de destaque para o entendimento claro de que a seleção brasileira tinha de pensar única e exclusivamente na partida diante da Suécia e nada mais. Àquela altura o discurso se voltava para a condição da seleção brasileira de se fazer digna do título, tinha de mais uma vez repetir o esforço que fizera para chegar até ali e, mais uma vez, ali estava o Estádio Municipal citado nas entrelinhas de sua crônica, o Estádio que "foi construído para que o Brasil promovesse condignamente o campeonato do mundo."[57] O autor ainda iria enfatizar que os jogadores brasileiros iriam defender em campo não só o renome do futebol brasileiro, mas também "o futuro do football brasileiro cuja grandeza o Estadio antecipa."[58] Não obstante, a torcida lá estava citada como ferramenta fundamental, segundo o redator, para a obtenção do triunfo em partida que seria disputada no dia 9 de julho.

"O único caminho para a conquista do campeonato do mundo", assim era intitulada a crônica na manhã do dia nove de julho redigida por Mário Filho, este que por sua vez reforçava a tese das crônicas anteriores, agora acrescentava a sua condução textual outro sentido que apenas reforçaria sua tese e talvez o fizesse vislumbrar ainda mais a possível conquista da competição pelo selecionado brasileiro, uma vez que a citação que irá se suceder é forjada a partir da opinião de um estrangeiro – em relação ao Brasil –, condição essa que parece validar ainda mais as possibilidades dos sentidos diante de Mário Filho e do jornalismo esportivo brasileiro do período, vejamos:

> Se o Brasil vencer a Suecia – disse-me Willy Meisl – será campeão do mundo. Não é apenas a opinião de Willy Meisl. E' a opinião dos ingleses. Dos jornalistas ingleses com quem falei. Dos dirigentes ingleses que me falaram. Todos eles consideram a defesa sueca a melhor do campeonato. O Brasil tem tudo para ser campeão do mundo,

---

[56] "Por enquanto o maior adversario do Brasil e' a Suecia." *Jornal dos Sports*, 7 de julho de 1950, p. 5.
[57] "A importância do match Brasil x Suecia." *Jornal dos Sports*, 8 de julho de 1950, p. 8.
[58] *Ibidem*, 1950, p. 8.

> eles acentuam, mas precisa vencer a Suecia. [...] O Brasil, disse-me Willy Meils, pode até vencer a Suecia por uma margem ampla. Desde que dê tudo e acerte. *Jornal dos Sports*, 9 de julho de 1950, p. 9.

A exaltação midiática do que é produzido e dito sobre o Brasil por comunicadores do exterior parecem ter mais crédito de validade sobre o tema proposto do que de fato o é e, ao menos para Mário Filho e o *Jornal dos Sports* é assim que se faz: a opinião externa tem real peso sobre as possibilidades, teoricamente. Dito isso, Mário Filho seguiria a crônica salientando o discurso forjado sobre o apelo do valor de espírito e orgulho nacional que teria a conquista da competição:

> O match com a Suecia tem muito mais significação do que aquele match com a Iugoslavia que empolgou o público brasileiro, que deu aos jogadores brasileiros plena noção da responsabilidade que havia assumido de defender as esperanças do Brasil no campeonato do mundo. [...] Agora o Brasil tem uma oportunidade real de ser campeão do mundo. O scratch tem de se mostrar à altura dessa oportunidade. Do cenário que foi construído para a grande vitória. [...] Há um grande obstáculo pela frente: a Suecia. E' preciso transpô-la para a última arrancada. A arrancada que nos poderá levar à conquista do título de campeões do mundo. *Jornal dos Sports*, 9 de julho de 1950, p. 9.

A partir das expectativas geradas em torno da conquista da seleção que se forjou através das atuações da equipe brasileira, junto ao que era divulgado nas páginas dos periódicos, a exemplo do que produz Mário Filho, faziam o público que se dirigia aos estádios continuarem a aumentar. O jogo contra a Suécia renderia a superação do recorde de bilheteria e renda que trouxera o confronto contra a Iugoslávia que, àquela altura, segundo o *Jornal dos Sports*, teria sido o recorde de público e bilheteria gerado através de uma partida de futebol no mundo até aquele confronto entre brasileiros e iugoslavos. É notável aí a atuação dos sentidos gerados pelos acontecimentos na produção dos discursos que exaltam a participação dos torcedores, agindo como um sistema cíclico em

que o acontecimento potencializa o discurso e o discurso se torna efetivo em potencializar o acontecimento.

Figura 7 - O *record* de renda e de público.

Do Brasil, O Record De Renda E De Público!

Há de ser sempre recordada com entusiasmo a tarde esportiva de sábado último, quando o football brasileiro registou uma das suas mais categorizadas vitorias no campo internacional, reunindo ao mesmo tempo a maior assistencia que já esteve presente a um encontro de football. Realmente, o Estadio Municipal apresentou aspecto grandioso. Todas as dependencias praticamente lotadas e consequentemente uma arrecadação jamais registada em qualquer país. E a propósito, certa empresa de publicidade distribuiu à imprensa uma nota procurando mostrar que o maior público já reunido em uma praça de espor-

QUASE CENTO E SETENTA MIL PESSOAS PRESENCIARAM O MATCH DE SÁBADO

Domingo: Esperado Público Superior A 200.000

tes, foi em Hampden Park, na Escocia, no dia 17 de abril de 1937. E a nota procurava esclarecer que o prelio teria sido presenciado por nada menos de 149.547 pessoas, atribuindo a essa número um record amais ignorado.

STADIO MUNICIPAL O RECORD

Acreditamos que a fonte da informação tenha se equivocado. Vamos mostrar através da estatística oficial, o número de pessoas que estiveram sábado no estadio Municipal. Totalizando a quantidade de ingressos vendidos, correspondentes às gerais e arquibancadas, nada menos de cento e quarenta e quatro mil pessoas registraram a sua passagem pelas "borboletas" do estádio. Junta-se a esse número, mais quinze mil, correspondentes às cadeiras cativas e mais ainda 1.350 jornalistas e três mil operarios das obras, com recinto reservado no estadio e que tambem presenciaram o encontro. Só aí teremos 163.350. Junte-se alguns milhares de convidados, alem do impressionante número de policiais. E, sem exagero, verifica-se que não ia menos de cento e setenta mil pessoas presenciaram a vitória da seleção brasileira. Portanto, o record é nosso de modo absoluto

MAIS DUZENTAS MIL PESSOAS PARA DOMINGO

Vai aí outro lembrete à empresa aludida. Para o prelio de domingo, foram colocados à venda, cento e vinte e cinco mil arquibancadas, cincoenta mil gerais, quinze mil cadeiras numeradas, juntando-se a isso as quinze mil cadeiras cativas já vendidas Só aí teremos nada menos de duzentas e cinco mil pessoas no Estadio Municipal. Portanto, não é preciso incluir nesse número, os convidados por cortesia, jornalistas e os três mil operarios que têm ingresso gratuito. Está, poranto, tudo muito bem esclarecido. Ou não está?

Fonte: *Jornal dos Sports*, 6 de julho de 1950, p. 8.

Cerca de duzentas mil pessoas que teriam comparecido ao estádio do maracanã naquele nove de julho viram a seleção brasileira aplicar sobre os suecos uma goleada de sete a um. Há de se imaginar que em polvorosa estariam os brasileiros, jogadores, jornalistas e principalmente os torcedores. "Uma das maiores e mais belas vitorias da historia do football brasileiro."[59], a passagem anterior é o título de destaque de Mário Rodrigues para a escrita de sua crônica pós significativa vitória da seleção. O autor iria discorrer sobre a força da equipe que havia enfrentado, uma equipe que tinha derrotado a atual bicampeã mundial Itália, equipe que diferente de outras favoritas que não se classificaram para as fases finais estava lá. Contudo, "não haveria força capaz de evitar a esmagadora derrota da seleção sueca diante do scratch brasileiro."[60] O cronista ainda iria destacar, mais uma vez, a opinião dos periódicos e comunicadores de fora do país:

> Os críticos estrangeiros estão vendo melhor o match Brasil e Suecia do que os brasileiros. Para eles a vitória do Brasil é um acontecimento no football mundial. [...] Pela efetividade do scratch brasileiro sem sacrifício da beleza das jogadas. Da arte dos jogadores. Os críticos estrangeiros estão convencidos de que qualquer conjunto no mundo sofreria neste match o mesmo destino do sueco. *Jornal dos Sports*, 11 de julho de 1950, p. 13.

---

[59] "Uma das maiores e mais belas vitorias da historia do football brasileiro." *Jornal dos Sports*, 11 de julho de 1950, p. 9.
[60] *Ibidem*, 1950, p. 13.

Segundo o autor ainda haveria contradição na opinião dos jornalistas brasileiros a respeito do jogo, diz ele que "os críticos brasileiros, mesmo entusiasmados com a exibição brasileira, pretender fazer uma distinção contraditoria entre uma grande exibição brasileira e uma decepcionante exibição sueca."[61] Mário Filho se posicionaria contrária a essa análise, na verdade ele voltaria mais uma vez a usar o "fracasso" contra os suíços naquele empate e o "sucesso" do jogo diante da Iugoslávia e Suécia como campos de experiências fundamentais para a conquista do título. Se o jogo contra os suíços tivera evidenciado "o pior" do time brasileiro a contramão se mostrou existir nos jogos em que o resultado fez jus ao domínio do jogo com amplas vitórias. Ao fim daquela crônica ele ainda acrescentaria a responsabilidade que a seleção brasileira teria se submetido ainda mais após bela atuação: "Eis a enorme responsabilidade que assumiu perante a torcida o scratch brasileiro. O scratch brasileiro deu, neste match com a Suecia uma verdadeira idéia do que é capaz de realizar."[62] Observa-se a dialética entre o acontecimento social e o discurso que pode potencializar outro acontecimento da mesma categoria de significados.

Com essa carga de responsabilidade se preparavam os jogadores brasileiros para a próxima partida diante da Espanha que vinha de um empate contra a equipe uruguaia. O quadrangular final da competição condicionaria o título à equipe que fizesse mais pontos: a vitória creditaria 2 pontos ao vencedor da partida, o empate credenciaria 1 ponto para cada equipe e a derrota, evidentemente, não creditaria ponto algum. Sendo assim, àquela altura o Brasil tinha 2 pontos, Uruguai e Espanha tinham 1 ponto cada e a Suécia largava atrás diante da derrota para o Brasil. O cenário que se montou com a primeira vitória da seleção brasileira que a colocava em vantagem na disputa se tomou de otimismo. Outro sentimento incrementava o contexto da partida contra os espanhóis, mais uma vez vale relembrar que tinham eles eliminado a seleção brasileira do campeonato do mundo de 1934, assim como a Iugoslávia teria sido, a Espanha significava mais um fantasma do passado. Otimismo, a euforia das vitórias e as memórias do passado forjaram elementos de incentivo que levavam o público brasileiro a comparecer no estádio, a manchete de capa do dia treze de julho destacaria:

---

[61] "Uma das maiores e mais belas vitorias da historia do football brasileiro." *Jornal dos Sports*, 11 de julho de 1950, p. 13.
[62] *Ibidem*, 1950, p. 13.

Figura 8 - Rumo ao título.

AMBIENTE DE VITORIA ENTRE OS BRASILEIROS!

OUTRO RECORD! ATÉ ESTA MADRUGADA: CR$ 5.255.556,50, A RENDA APURADA PARA HOJE (NA 4.ª PAG.)

MILHÕES DE BRASILEIROS Confiam Em Seus Cracks!

JORNAL DOS SPORTS

ARRANCADA PARA O TÍTULO SUPREMO!

Fonte: *Jornal dos Sports*, 13 de julho de 1950, capa.

A imagem de capa da citada edição fundamenta o que foi falado, destacaria ao legendar certo trecho que talvez seja dificulto ao leitor observar, em negrito e letras garrafais logo acima das imagens e abaixo do título que encabeça a página do jornal está registrado: "Outro record! Até esta madrugada: CR$ 5.255.556,50, a renda apurada para hoje.". É o registro de exatidão em números que configura a afirmação do que foi argumentado, a população estava de fato envolvida com a competição. Mais uma vez era aguardado um grande público para acompanhar a partida que aconteceria na tarde daquele treze de julho de 1950. Partida essa que terminaria por elevar os ânimos para o último jogo contra o Uruguai às alturas, o Brasil aplicaria outra enorme vantagem no placar diante dos espanhóis: seis a um para a equipe brasileira que rendeu o título da crônica de Mário Filho do dia 14 de julho a seguinte grafia: "A maior vitoria do scratch brasileiro no maior espetáculo do football mundial." Repetiu-se uma ótima atuação como fora contra a equipe sueca, eliminava outro fantasma do passado e ressignificava a memória a respeito de dois adversários que haviam marcado a trajetória da equipe brasileira em mundiais.

Ao descrever o que havia ocorrido naquela tarde, Mário Filho deixaria claro que "o momento foi maior do que se previa. O Scratch brasileiro tornou-o um instante raro na vida do football mundial."[63] Segundo o cronista os críticos estrangeiros eram unânimes

[63] "A maior vitoria do scratch brasileiro no maior espetáculo do football mundial." *Jornal dos Sports*, 14 de julho de 1950, p. 7.

em afirmar que "nunca viram um football parecido"[64], aqui observamos a ação do cronista como comentador que não desvia a intepretação do significado, na verdade o utiliza para engajar seu próprio discurso. Entendia-se que à medida que a competição foi se alongando para a seleção brasileira ela foi melhorando o nível do desempenho técnico e físico apresentado, "o Scratch brasileiro à medida que se foi aproximando das finais foi crescendo. Ganhando uma forma irresistível. O torcedor tem um termo para essa forma em que se encontra o Scratch brasileiro: é o "tinindo"."[65] Nesses moldes a equipe, a imprensa e os jornalistas chegavam e enxergavam à seleção brasileira para o confronto diante do Uruguai, havia uma expectativa fremente em relação à conquista da competição.

A final da Copa do Mundo de 1950, Brasil x Uruguai

A final da copa do mundo de futebol de 1950 que seria disputada entre Brasil e Uruguai no dia dezesseis de julho, havendo a vantagem do empate para a seleção brasileira após somar quatro pontos com as duas vitórias obtidas, um a mais que o Uruguai com 3 pontos, era especulada e assistida por muitos no mundo. O *Jornal dos Sports*, por sua vez, destacaria em edições lançadas antes da final algumas críticas de jornais de fora do país. "A copa do mundo permanecerá a América do Sul."[66], as exibições da seleção brasileira teriam rendido elogios a equipe, elogios que se estenderam ao Uruguai, uma vez feito o comparativo da seleção brasileira com a seleção uruguaia do final da década de 1920 e que se consagraria vencedor do mundo em 1930. O *Jornal dos Sports*, no entanto, daria foco nos elogios feitos à equipe brasileira:

> "La Gazzetta della Eport", salienta: Jamais testemunhamos em nossa carreira jornalística nos esportes um fenômeno como o do Brasil: uma equipe cujos jogadores nos recordam a equipe do Uruguai de 1924 e 1928, e que nos parecem superiores aos componentes da equipe nacional italiana de 1938.
>
> "El Messagero" acentua pela sua parte: "Essa nova vitoria não surpreende aos que viram todos os jogadores de Flavio Costa no trabalho. São homens de grande classe, muito bem treinados e decididos a demonstrar toda a energia. Não pode mais subsistir

[64] "A maior vitoria do scratch brasileiro no maior espetáculo do football mundial." *Jornal dos Sports*, 14 de julho de 1950, p. 7.
[65] *Ibidem*, 1950, p. 9.
[66] "Como a crônica italiana vê as vitorias brasileiras." *Jornal dos Sports*, 15 de julho de 1950, p. 3.

> qualquer dúvida a respeito da vitória final do torneio. *Jornal dos Sports*, 15 de julho de 1950, p. 3.

Existia certa presunção por parte do jornalismo do exterior quanto ao vencedor da final, as exibições brasileiras condicionaram a um vislumbre do resultado daquela final que ainda teria de se cumprir em campo. Se aproximava dessa perspectiva a opinião da imprensa espanhola, segundo publicação do *Jornal dos Sports* através de correspondência[67] vinda de Madri do dia 14 de julho. Os espanhóis teriam se sentido decepcionados pela expressiva derrota espanhola. A partir das 18:30 (horário local de Madri) do dia 13 de julho, os espanhóis teriam acompanhado a transmissão através dos rádios e ouviram a irreparável atuação brasileira. "O esmagamento da equipe espanhola e a serie de bolas encaixadas nas redes de Ramallets, vieram confirmar a superioridade dos brasileiros que – se acredita agora – conquistarão o título de Campeões do Mundo."[68]

O futebol é um esporte jogado em campo por duas equipes dispostas em onze atletas para cada lado. A equipe brasileira enfrentaria uma seleção uruguaia que havia sido a primeira campeã mundial, que tinha chegado à decisão com condições de título por ser uma equipe apta há estar ali, teria inclusive enfrentado a seleção brasileira antes da copa do mundo em partidas citadas no primeiro capítulo, partidas essas que foram equilibradas. Quando questionado o técnico uruguaio Juan Lopez sobre o nível de performance de sua equipe na copa do mundo em relação a que teria jogado a Copa Rio Branco no ano em curso e disputado partidas equilibradas contra o Brasil, ele respondeu: "– Não está jogando mais tecnicamente; encontra-se, porem, em melhor estado atlético, pois vários jogadores recuperaram suas condições físicas, podendo render o máximo agora. [...] Nesse sentido o quadro melhorou muito."[69]. Novamente questionado sobre as perspectivas em relação ao jogo, disse Juan Lopez: "– Vamos lutar por um bom resultado, mas sabemos que o adversário é de muito valor, possue varias condições favoráveis, além de um excelente football, como atestar os resultados assinalados nas partidas disputadas com a Espanha e Suecia."[70] De fato o Uruguai teria chegado até ali, mesmo após a vitória sobre eles na Copa Rio Branco o técnico "Flávio Costa considerou os uruguaios como os mais perigosos concorrentes [...]"[71]. As crônicas das edições anteriores à partida final

---

[67] "Como Madri recebeu a derrota dos ibéricos frente – Aos brasileiros." *Jornal dos Sports*, 15 de julho de 1950, p. 3.
[68] "Como Madri recebeu a derrota dos ibéricos frente – Aos brasileiros." *Jornal dos Sports*, 15 de julho de 1950, p. 3.
[69] "Preparados fisicamente os celestes*". Jornal dos Sports*, 16 de julho de 1950, p. 6.
[70] *Ibidem,* 1950, p. 6.
[71] *Ibidem,* 1950, p. 6

ainda citavam a disputa da "Copa Rio Branco de 1946"[72], quando os brasileiros vencendo por três a um, viu o placar se reverter aos uruguaios num quatro a três e, no jogo em território brasileiro terminado em um a um, viram sagrar campões os uruguaios.

Houvera espaços para as publicações a respeito dos uruguaios, como citado acima, contudo é evidente pontuar que as páginas do jornal estavam tomadas de títulos que se dirigiam à equipe brasileira, a possível conquista do campeonato, ressaltando a expectativa gerada em torno da partida:

Figura 9 - Os últimos títulos antes da partida final.

NUNCA TÃO POUCOS FIZERAM TANTO PELO BRASIL

O Ápice Do Clímax

DIREITO DESPORTIVO (XLVII)

ESPORTE E VIDA

O Match Que Vale O Campeonato Do Mundo

A crônica de Vargas Netto

A BATALHA FINAL...

Daqui A Pouco O Título Máximo!

Fonte: *Jornal dos Sports*, 16 de julho de 1950, p. 9.

Na imagem acima se destacam os títulos das crônicas, são eles em ordem disposta do topo da página para o final: Geraldo Romualdo, "Nunca tão poucos fizeram tanto pelo

[72] "Os olímpicos estão acostumados a ganhar." *Jornal dos Sports*, 14 de julho de 1950, p. 5.

Brasil."; Antonio Olinto, "O ápice do clímax."; Mário Filho: "O match que vale o campeonato do mundo."; Alfredo Curvelo, "Daqui a pouco o título máximo!" Os cronistas voltavam todas as suas narrativas para a partida, como era de se esperar. Os temas, por sua vez, passavam por nuances distintas que pontuavam ao final a mesma perspectiva: a vitória brasileira. Como exemplo de sentidos explorados para a construção das crônicas, temos um trecho da entrevista de Augusto, capitão brasileiro, ao *Jornal dos Sports*: "– Que não nos falte a confiança da torcida, que saberemos responder. Avante brasileiros, para a vitoria final."[73], passagem que se somava a coletiva que Flávio Costa e o próprio Augusto teriam cedido antes da partida e quando questionados sobre os esforços e sacrifícios de estarem ali, Augusto respondeu:

> – Graças a todo esse esforço atingimos uma situação invejável no certame. E agora não existe outra alternativa senão dar ao Brasil o título máximo. Mostrar o verdadeiro valor do nosso football. Tudo isso conseguido representará uma valorização geral e todos os setores. Falo também em nome dos meus companheiros. E posso assegurar que todos estão em boas condições e animados a outra grande vitoria. O triunfo final que representará o título máximo do football mundial. *Jornal dos Sports*, 16 de julho de 1950, p. 6.

São trechos de crônicas que nos aproximam dos sujeitos que estariam diretamente envolvidos com o acontecimento, tornando mais acessível a concepção do que se passava entre os esportistas ante as expectativas tantas. Flávio Costa pontuaria a "fibra" uruguaia. Flávio "classificou os orientais de lutadores, mas concluiu assegurando que o football do Brasil nunca esteve em melhor atuação do que agora, tecnicamente falando."[74] Afirmaram Augusto e Flávio Costa estarem confiantes para o jogo, respondendo inclusive por toda a equipe, a confiança por sua vez que está atrelada a uma condição psicológica, fator esse que anteriormente eu caracterizei importante para o desempenho da prática esportiva e importante na perspectiva de Mário Filho. Característica que dado o grau de responsabilidade gerado sobre os atletas poderia ser prejudicial, entretanto, estava assinalado por eles como uma preocupação a menos. Fisicamente, segundo os preparadores físicos da seleção brasileira[75] os jogadores se encontravam bem à exceção de Maneca, atacante da equipe que daria lugar para a entrada de Friaça.

O objeto da pesquisa nos contextualiza quais mecanismos direcionavam aqueles discursos carregados de sentidos voltados para a glória da nação, a expectativa de ver o

---

[73] "Agora é dar ao Brasil a copa do mundo." *Jornal dos Sports*, 16 de julho de 1950, p. 6
[74] *Ibidem*, 1950, p. 6.
[75] "Agora é dar ao Brasil a copa do mundo." Jornal dos Sports, 16 de julho de 1950, p. 6.

país triunfar e ser reconhecido frente ao restante do mundo. Geraldo Romualdo, a partir da crônica intitulada: "Nunca tão poucos fizeram tanto pelo Brasil"[76], evidenciaria parte desse contexto histórico de apropriação de elementos nacionalistas onde justifica-se o teor do discurso: "Desde a primeira Grande Guerra atravessa o football mundial nova fase. Fase de maior desenvolvimento, de mais interesse e também de contato mais intenso entre as nações. Mesmo em se tratando de Jogos Olímpicos o intercambio foi muito restrito até o fim do conflito de 14."[77] Ele argumentaria sobre a popularidade brasileira no exterior, diria ele que há poucos meses em ocasião da copa do mundo o planeta tinha de fato voltado seus olhos e ouvidos para o Rio de Janeiro, antes da copa tínhamos certa expressividade fora do país, mas que segundo o autor se dava de maneira confusa e tímida: "Éramos, sim, vagamente conhecidos, confusamente distinguidos. Ora pelo samba (Carmen e Ari, unicamente os dois, porque o imortal autor do "Tico-Tico no Fubá", Zequinha de Abreu, nem sempre é lembrado nas audições públicas e privadas)."[78] A qualidade de praticar futebol do atleta brasileiro somado ao contexto da copa no Brasil, por sua vez, estava rendendo até ali uma outra característica forte que poderia ser associada a imagem/identidade do brasileiro, um povo que teria acima das outras nações um elo mais forte com o futebol, Geraldo Romualdo[79], entretanto, propunha que as pessoas não fossem capazes talvez de assimilar a dimensão que o futebol traria à imagem do Brasil num presente próximo, mas que era de se imaginar o futuro do país associado a prática e a paixão pelo futebol:

> Por incrível que pareça é muito cedo, cedo demais, e nem todos podem de fato avaliar pela experiencia do vagabundeio por vidas e mundos estranhos o que de beneficio, o quanto de beneficio está prestado o football a vida brasileira. Só mesmo quem já esteve mais longe das fronteiras do Prata e só mesmo quem andou pelas vizinhanças do "Sol da Meia Noite", pode contar e escrever sem rebuscos e sem temer cair em exagero que isso que os atletas do Brasil estão fazendo pela economia e pelo desbravamento das nossas existências e realidades vale mais, muitíssimo mais do que todas as comissões de propaganda que os Governos têm espalhado pelos quatro cantos da Terra. [...] Mais até do que o samba, muito mais do que o café, muitíssimo mais do que o os raros cartazes do Pão de Açucar e de Copacabana. Primeiro, ele. Primeiro, o football. *Jorna dos Sports*, 16 de julho de 1950, p. 9.

Seria prolixo reafirmar a ideia que sucede a passagem acima, o significado que surgia da oportunidade de conquista da competição pelo futebol brasileiro. Mário Filho

---

[76] "Nunca tão poucos fizeram tanto pelo Brasil", *Jornal dos Sports*, 16 de julho de 1950, p. 9.
[77] *Ibidem,* 1950, p. 9.
[78] *Ibidem,* 1950, p. 9.
[79] *Ibidem,* 1950, p. 9.

não entenderia de forma diferente e tal percepção surgiria em sua crônica antes da partida, crônica essa que ele destacaria, mais uma vez, a dimensão do acontecimento enquanto estado puro de realização: era uma final de copa do mundo no Brasil que seria jogada pela equipe brasileira, e o pós resultado do acontecimento: a probabilidade de sair dali campeã a equipe anfitriã. Segundo o cronista, o Brasil esperava ansioso pela partida, estavam de fato os brasileiros envolvidos com o desfecho da competição embalados de uma empolgação gerada a partir dos resultados construídos pela seleção brasileira até o derradeiro momento, vejamos:

> A verdade é que todo o país já está vivendo o match Brasil e Uruguai. O match que vai ser disputado dentro de horas mas que começou logo que acabaram as comemorações da grande vitoria sobre a Espanha. Há quarenta e oito horas a cidade não pensa em outra coisa. E quem tem um parente, um amigo em qualquer Estado do Brasil recebe apelos angustiosos. São parentes, são amigos que reservaram passagens de avião e que vão partir para cá confiando nos parentes e amigos do Rio. Sem saber que estes parentes e amigos estavam travando a mais dramática das batalhas: a batalha das cadeiras, das arquibancadas e das gerais. Nunca nenhum acontecimento no Brasil, de qualquer natureza, comoveu tanto o país. Nunca a Capital da República viveu tanto um acontecimento. E um acontecimento que ainda não aconteceu, E' a antecipação do que vai acontecer que empolga a cidade de uma forma jamais vista. Vista ou sentida. *Jornal dos Sports*, 16 de julho de 1950, p. 9.

Torna-se a partir de tudo o que foi dito e citado a respeito notável a expectativa criada para o jogo final. Observa-se também a potencialização do discurso com elementos que buscam até em discursos produzidos por comunicadores de fora do Brasil, enaltecendo o momento que estava por vir, a sua dimensão enquanto relevância para a imagem do país e a raridade de sua repetição lidavam com a construção da ideia de que talvez nunca mais o futebol brasileiro tivera aquela chance única. Argumento que Mário Filho por diversas vezes conduziu. Sendo assim, vamos ao derradeiro momento, as crônicas produzidas após o jogo, aquelas que não vão nos apresentar somente o placar, mas os discursos produzidos através dele.

O primeiro ponto a se destacar é: o periódico só foi lançado no dia 18 de julho, a final fora disputada dia 16, tivera aí um dia de intervalo entre a última publicação feita no dia dezesseis e a do dia dezoito, o que raramente ocorria, dado ao fato que o periódico era lançado quase todos os dias. No periódico daquele dia 18 de julho de 1950 havia algumas crônicas bem destacadas que salientavam a opinião dos escritores europeus sobre a

seleção brasileira, o editorial tinha 10 páginas e a capa era comum a maioria dos lançamentos, no seu interior também nenhuma novidade, com exceção da longa crônica de Mário Filho, dito isso, vamos ao ponto nevrálgico: "Uruguai, campão mundial, de fato; mas o Brasil, melhor team do mundo"[80], escreve "Willy Meils, conhecida autoridade da crônica Européia, especialmente para o Jornal dos Sports."[81] O fato de estar na capa o título em destaque de Willys Meils, um jornalista inglês, norteia o que seria a crônica daquele dia, vou aprofundar mais a respeito em outro momento. Bom, o título já evidencia o resultado, o Brasil perderia aquele jogo por dois a um, de virada, ou seja, tinha saído a frente no placar: aos 47 minutos de jogo Friaça teria aberto o placar para a equipe brasileira, porém, Juan Alberto nos minutos 66 e Ghiggia aos 79 minutos teriam sacramentado a vitória uruguaia. Aos interessados há a transmissão radiofônica da partida disponível na internet[82]. Adiante, não vejo de outra forma, irei transcrever quase que na íntegra a crônica escrita por Mário Filho, intitulada de: "O segredo da vitoria dos uruguaios: só os brasileiros tinham tudo a perder.", direto da citada edição de 18 de julho de 1950:

> A derrota foi um golpe. Ninguem deixou de sentí-lo. Quando o Uruguai marcou o segundo goal o silencio que se fes no Estadio – o silencio de duzentas mil pessoas – chegava a assustar. [...] A multidão ficou parada sem querer acreditar no que via. O Estadio não se enchera para aquilo. Não fôra para aquilo que se travara a batalha das cadeiras, das arquibancadas e das gerais. [...] Todas aquelas duzentas mil pessoas haviam marcado encontro no Estadio para saudar os brasileiros como campeões do mundo. Por isso o Estadio se tornou pequeno: era o maior do mundo mas nele não podia caber todo o Brasil. [...] Irresistivelmente se formou o pior dos ambientes para os brasileiros, o melhor dos ambientes para os uruguaios. O pior dos ambientes para os brasileiros porque parecia o melhor, o melhos dos ambientes para os uruguaios porque parecia o pior. Os uruguaios e não os brasileiros se tinham colocado numa posição única. Podiam perder de cinco e estava bem. Voltariam para Montevidéu de cabeça erguida. [...] Para o Brasil só havia um resultado bom: a vitória. O brasil tinha tudo a perder, o Uruguai nada tinha a perder. Tudo explicava e justificava, de antemão, uma derrota uruguaia. Nada parecia sequer explicar ou justificar a simples hipótese de uma derrota do Brasil. Tudo isso aumentava tremendamente a responsabilidade do scratch brasileiro. [...] Quando os jogadores brasileiros foram surpreendidos pela possibilidade da derrota não resistiram. [...] Todos se deixaram levar pelo nervosismo. [...] O Brasil só sabe vencer bem quando está preparado para a derrota. E nem o scratch brasileiro estava preparado para a derrota nem nenhuma das

[80] "Uruguai, campão mundial, de fato; mas o Brasil, melhor team do mundo", *Jornal dos Sports*, 18 de julho de 1950, capa.
[81] *Ibidem*, 1950, capa.
[82] Transmissão radiofônica da partida entre Brasil e Uruguai na final da Copa do Mundo de Futebol de 1950, acessar em: https://www.youtube.com/watch?v=lVhM2RZho_o

> duzentas mil pessoas que encheram o Estadio. [...] Nunca um scratch brasileiro teve tanto a perder numa derrota. O que venceu o scratch brasileiros não foi o receio das shooteiras uruguaias, a intimidação pelo coração uruguaio: foi o medo de desiludir as duzentas mil pessoas que estavam assistindo ao match, as cincoenta milhões de pessoas que em todos os recantos do Brasil esperava a vitoria do Brasil. [...] Se o Brasil perdesse para a Suecia a derrota doeria, mas ainda estava nos cálculos de muita gente como uma derrota contra a Espanha. O que não estava nos cálculos de ninguém era uma derrota contra o Uruguai. [...] Ninguem discutia a superioridade do football brasileiro sobre o uruguaio. Nem mesmo os uruguaios, até depois da vitoria. Uma das maiores glorias da celeste há de ser esta: a de ter derrotado os melhores jogadores do football do mundo, o quadro que realizara as suas maiores exibições de que há memória no football mundial. [...] A maior culpa do scratch brasileiro, paradoxalmente, foi a de ter eliminado qualquer hipótese de derrota pelas duas maiores exibições do football mundial, arrazando a Suecia e a Espanha. [...] Os brasileiros não estavam preparados para perder porque não podiam perder. [...] Vamos continuar apoiando o football brasileiro, não deixemos que o football brasileiro que deu as duas maiores exibições do football mundial caia na depressão, confie menos em si mesmo. O football brasileiro é o mesmo que provocou o entusiasmo dos críticos estrangeiros que também ajudaram a formar esse ambiente de vitoria certa. A lição que ficou é a de que não há vitoria certa. *Jornal dos Sports*, 18 de julho de 1950, p. 5-8.

O que se observa a partir da crônica, portanto, é o autor refém dos seus próprios usos dos sentidos. Sentidos criados através dos bons resultados conquistados pelo Brasil nas partidas anteriores a final, quando fez desses sentidos estímulos para os significados de seus discursos, para sua finalidade pretendida: a de poder produzir uma crônica em que sagrasse a partir do acontecimento e através da escrita o discurso de um Brasil campeão, uma nação soberana às outras em determinado segmento e ao orgulho manifesto de pertencimento de um povo. Quando defrontado com o resultado do acontecimento viu-se diante de seu próprio discurso e tornou-se refém do mesmo, tinha sustentado até ali uma segmentação de suas produções textuais, orações textuais que apelavam aos torcedores, que indagavam a maestria do futebol brasileiro e exaltava a responsabilidade que esses jogadores tiveram criado a partir de suas próprias capacidades. O autor entende que, fora o mérito da equipe vencedora, tivera papel negativo no desempenho da equipe toda a expectativa gerada em torno dos atletas. Os jogadores são sujeitos como todos os outros indivíduos e estiveram expostos a todo momento aos estímulos gerados a partir da expectativa que os próprios tinham para com o êxito e pelo que se esperavam deles. Mendes de Morais, oportunista, já havia salientado que faltavam eles fazer pelo Brasil.

Quando diante da interpretação que tivera também os seus discursos influência para a justificativa da derrota brasileira, Mário Filho então buscou salientar a opinião

europeia. É respaldada essa postura de Mário Filho quando pontuei que o autor exaltava a nação em seus discursos, quando afirmei e argumentei haver em seus escritos elementos de um discurso nacionalista. Esses discursos são produzidos para que seja consumido internamente, é claro, sobretudo destacando para o seu público a soberania ante outras nações e criando a sensação de identidade nacional. Portanto, quando ele cita dentro de sua crônica que "todos os críticos estrangeiros foram unânimes em reconhecer o football brasileiro o melhor do mundo"[83] e destaca na capa do jornal o título de Willy Meils que exaltava o *football* brasileiro, como também traria daquela edição o que pensava a respeito do tema a crônica italiana: "Foi a seleção mais brilhante do campeonato"[84]. Mário Filho enquanto diretor do periódico está usando dos sentidos dos discursos dessas produções textuais e de sua condição de poder para ainda assim conseguir produzir, se não o que de fato almejava, mas algo próximo aos significados pretendidos por ele, quando ainda assim consegue produzir o discurso de que teria o Brasil, de fato, saído soberano às outras nações. Willy Meils diria em sua crônica ao transcrever uma conversa que estava tendo com uruguaios após o término da partida: "Alegrem-se com sua vitoria! Vocês são os campeões mundiais de fato, mas não é minha culpa se o Brasil continua sendo o melhor team do mundo no presente."[85] A "Gazzeta dello Esport" escreve: – Não, o Brasil não poderia perder. E ao contrario, sua esplêndida técnica encontrou um antídoto na velocidade e na "fibra" dos uruguaios".[86], o "El Messagero", depois de exprimir sua surpresa, escreveu: [...] – Eis porque – podemos dizer – a equipe brasileira representa o que o football mundial produziu de melhor".[87]

Com sua extensa crônica citada mais acima e com a ocupação de discursos produzidos pelos críticos estrangeiros também exibidos, Mário Filho preencheria as páginas daquela edição pós o inimaginável: a derrota da seleção brasileira. Podemos observar, portanto, o que fora de uma expectativa fremente a uma decepção amarga.

Considerações finais

A partir da contextualização das particularidades que rodeavam a escolha do Brasil como país sede da Copa do Mundo de Futebol no ano de 1950, passando pela

---

[83] "O segredo da vitoria dos uruguaios: só os brasileiros tinham tudo a perder." *Jornal dos Sports*, 18 de julho de 1950, p. 5
[84] "Foi a seleção mais brilhante do campeonato", *Jornal dos Sports*, 18 de julho de 1950, p. 3.
[85] *Ibidem*, 1950, p. 3.
[86] *Ibidem*, 1950, p. 3.
[87] *Ibidem*, 1950, p. 3.

justificativa e apresentação do *Jornal dos Sports* como fonte fundamental para o desenvolvimento dos estudos aqui propostos, até a apresentação de Mário Rodrigues Filho, sujeito ao qual direcionei minhas análises críticas, busquei construir uma narrativa por meio dos métodos historiográficos de pesquisa, investigação, análise crítica, articulação de fontes e bibliografias construir um esboço que fosse capaz de apresentar, analisar e produzir significados a partir da observação da imprensa escrita, explorando um de seus agentes: um jornalista esportivo que fora referência no seu segmento, aquele que têm gravado no Estádio Jornalista Mário Rodrigues Filho, o Maracanã, seu nome homenageado. Houve aqui a tentativa de por em perspectiva as construções textuais do cronista, explorando o uso que esse fez dos sentidos que o tomavam no antes, no decorrer e no findar do acontecimento da copa do mundo de 1950, mas que ele também ajudou a produzir e transformar em significados durante a trajetória analisada.

Michel Foucault, em outra de suas condições para a análise dos discursos, conceituada como *série* em *A Ordem dos Discursos*, exprime, resumidamente que os acontecimentos ocorrem em série, ou seja, não há uma unidade do discurso. Nesse sentido Foucault vai identificar o discurso como um causador sobre os corpos, transformando a realidade em como ela é ou como acreditamos que ela seja, nesse trabalho, ao contrário disso, enfatizei como a realidade age sobre os discursos de Mário Filho e esse toma os sentidos produzidos a partir dos jogos para aí sim filtrar a partir de seus interesses e interpretações aquilo que deseja expor. Para além disso, constatei como Mário Filho acaba refém de sua própria narrativa que se preenchia de sentidos visando o discurso de nação, a exaltação da identidade nacional por meio dos e nos jogos de futebol durante a competição. Há a concepção[88] de que os discursos não querem significar nada, eles aparecem porque houve uma contingência de acontecimentos que os fizessem aparecer, contudo, e me arrisco a estar equivocado, os discursos produzidos por Mário Filho tomam sim de vontade em querer significar algo, como, por exemplo: chamar o torcedor para apoiar a equipe, fazer entender os indivíduos que o coletivo deles formados em uma rede de apoio aos jogadores poderia lhes proporcionar algo que talvez nunca sentiram e nem viessem a sentir novamente, é a tecla que por vezes o cronista bate: é uma oportunidade única que todos devem "lutar" ao máximo para conquistar, jogadores e torcedores brasileiros.

---

[88] Ler em: FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. Aula Inaugural no Collège de. France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 19.ed. São Paulo: Edições. Loyola, 2009.

Mário Rodrigues Filho visava, por meio da conquista da seleção brasileira o título da copa do mundo, produzir um último texto daquelas sagas de crônicas que, como disse, a partir do que pode se interpretar de seus textos, acabaria no último de seus títulos com a exaltação do Brasil sobre outras nações e, de forma amarga, na última crônica e no último editorial lançado pós o desfecho derradeiro, teve de se valer da opinião de outras nações para engrandecer a sua, o Brasil.

Fontes

Jornal do Brasil (RJ), 1946-1950.

Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=030015&pesq=

Jornal dos Sports (RJ), 1946-1950.

Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=112518&pesq=

O Globo (RJ), 1946-1950.

Disponível em: https://acervo.oglobo.globo.com/

Referências Bibliográficas

ABREU, Alzira Alves de (org.). *A imprensa em transição*: o jornalismo brasileiro nos anos 50. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. _____ *Nação e Consciência Nacional* (São Paulo: Ática, 1989).

ANDERSON, Benedict. ‘‘Introdução’’, em BALAKRISHNAN, Gopal. *Um mapa da questão nacional*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica: história da imprensa brasileira*. São Paulo: Ática, 1990.

BURKE, Peter. *Hibridismo cultural.* São Leopoldo: Unisinos, 2008. _____ *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida. A imprensa periódica como fonte para a História do Brasil. In: PAULA, Eurípedes Simões de (org.). *Anais do V Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História*. São Paulo: Seção Gráfica da PPLCH/USP, 1971, v. II.

CAPRARO, André Mendes. Mário Filho e a “Invenção” do Jornalismo Esportivo Profissional. *Movimentos*, Porto Alegre, v. 17, n. 02, p. 213-224, abr/jun de 2011.

CARVALHO, Priscila Alves. *Mário Filho, Futebol e Maracanã*. Monografia. Universidade Federal do Rio de Janeiro Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Escola de Comunicação, 2008.

COSTA, Leda Maria da. *O narrador Mário Filho, jornalismo, História e literatura*. Anpuh. XVI encontro regional da Anpuh-Rio, Memória e Patrimônio, p. 1-7. Rio de Janeiro, 2010.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora UnB, 2001.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. Aula Inaugural no Collège de. France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 19.ed. São Paulo: Edições. Loyola, 2009.

FRAGA, Gerson Wasen. Onde os jacarés não andam pelas ruas: a imprensa e os motivos da realização da copa do mundo de 1950 no Brasil. *Biblos*, Rio Grande, 20: 145-156, 2006.

HOBSBAWM, Eric. *A Era dos Extremos* – O Breve Século XX (1914-1991). São Paulo: Companhia das Letras, 1995. _____*Nação e Nacionalismo desde 1780* (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991).

HOBSBAWM, Eric. *Sobre história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LUCA, Tania Regina de. "História dos, nos e por meio dos periódicos". In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2008, v. 1, p. 111-153.

MORENO, JC. Revisitando o conceito de identidade nacional. In: RODRIGUES, CC., LUCA, TR., and GUIMARÃES, V., orgs. *Identidades brasileiras: composições e recomposições* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

NASCIMENTO, Paulo César. ''Dilemas do Nacionalismo''. *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, volume 56, p. 33-53, 2003.

OLIVEIRA, Raphael Alberti Nóbrega. "Mr. Reader no Brasil: processos de hibridismo cultural em torno da Copa do Mundo de 1950", *Revista Mosaico* – Volume 9 – Número 14, 2018.

PENARIOL, Júlio César; MARQUES, José Carlos. A derrota do Brasil para o Uruguai no jogo final da Copa do Mundo de 1950 pelas páginas do jornalismo de revista brasileiro. *Intercom* – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXVIII

Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação; p. 3 – Rio de Janeiro, RJ – 4 a 7/9/2015.

PERDIGÃO, Paulo. *Anatomia de uma derrota: 16 de julho de 1950, Brasil x Uruguai*. Editora L&PM, 2014.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania:* Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

RENAN, Ernest. "Que é uma nação?". *Plural*; Sociologia, USP, S. Paulo, 4: 154-175, I. sem. 1997.

SCANDOLARA, Daniel Lorenzo Gemelli. A vontade, a criação e a imaginação: Revisões e reflexões acerca das teorias de nação de Ernest Renan, Ernest Gellner e Benedict Anderson. *Almanaque de Ciência Política*, Vitória, vol. 4, n. 2, p. 01-23, 2020.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.